

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO ELEITORAL PORTUGUÊS COM VISTA
ÀS PRESIDENCIAIS DE 1985.

Fundação Cuidar o Futuro

J.-P. Di Giacomo

José Marques

Universidade de Trento

Universidade de Lovaina

Fevereiro/1985



ÍNDICE

I.	OS PADRÕES ELEITORAIS NAS LEGISLATIVAS DE 1975-1983	2
	Os votos e as abstenções por região entre 1975 e 1983.	2
	Votos e indicadores sócio-económicos	5
	Votos declarados e indicadores sócio-económicos (Euroexpansão)	6
	Um breve comentário acerca dos dados	8
II.	OS PRINCIPAIS RESULTADOS	10
	Os votos e as regiões geográficas	10
	As características do eleitorado	12
	A "fidelidade" partidária	12
	As afinidades população-partidos	14
	O eleitorado APU	15
	O eleitorado PSD	16
	Os eleitorados do PS e do CDS	16
	O eleitorado abstencionista	17
	O eleitorado flutuante	18
	As tendências estruturais de flutuação	18
	As tendências de flutuação regionais	19
	Os grupos flutuantes	22
III.	AS INTENÇÕES DE VOTO DE JANEIRO-OUTUBRO PARA AS PRESIDENCIAIS	25
	As intenções de voto no caso de eleições presidenciais	25
	O "efeito Eanes"	26
IV.	AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1985: SONDAAGEM "EUROEXPANSÃO" (6/1984)	33
	O objecto de análise	33
	As tendências gerais da sondagem	35
	O "efeito Pintasilgo"	37
	As afinidades população-candidatos	40
	Os partidos políticos	40
	O estatuto social	43
	Idade dos respondentes, região e tipo de agregado habitacional	44
	A importância demográfica da zona de residência	46
	Uma breve síntese dos resultados	46
	O eleitorado de L. Pintasilgo	48
	Os cenários	50
	Os candidatos	51



As estratégias eleitorais	54
Sugestões para a próxima sondagem	56

Fundação Cuidar o Futuro



I

OS PADRÕES ELEITORAIS NAS LEGISLATIVAS DE 1975-1983

O objectivo desta primeira análise é o de fornecer uma panorâmica geral da evolução do comportamento de voto dos eleitores portugueses relativamente às eleições para a Assembleia da República, desde 1975 até 1983. A importância desta análise para a compreensão de alguns aspectos ligados às diferentes opções relativas aos candidatos para as próximas eleições presidenciais tornar-se-á óbvia no decorrer do trabalho. Assim, a partir desta panorâmica geral, tentaremos extrair algumas implicações que servirão de "pano de fundo" às análises subsequentes.

Nesta primeira fase servimo-nos de dois conjuntos de dados já publicados¹ e de um terceiro conjunto, extraído da sondagem "Euroexpansão", de Novembro de 1984.

Fundação Cuidar o Futuro

1.1 OS VOTOS E AS ABSTENÇÕES POR REGIÃO ENTRE 1975 E 1983.

O primeiro conjunto de dados analisado foi extraído da matriz apresentada por Gaspar et al. (1984, p.6) e está patente no Quadro 1.²

¹ Gaspar, J., André, I., Honório, F. - As eleições para a Assembleia da República 1975-1983: Estudo de geografia eleitoral. Lisboa: Instituto de Pesquisa Social Damião de Góis. 1984.

² Seguiremos a estratégia dos autores, considerando o PPD-PSD e o CDS como uma só força eleitoral ("AD") nas 5 eleições consideradas. Este facto é devido à impossibilidade de separar os eleitores dos dois grandes partidos da A.D. nos anos de 1979 e 1980. O PPM é, assim, tomado em consideração apenas nos anos em que a A.D. existiu efectivamente.



	ano	NOLI	NOIN	CELI	CEIN	LSS	ALEN	ALGA
ABSTENÇÃO	75	7.0	10.1	9.6	9.7	7.8	6.6	9.4
	76	12.9	21.8	18.8	20.0	16.5	13.6	19.5
	79	9.9	15.7	13.6	13.7	12.4	11.2	15.4
	80	11.6	19.7	16.1	17.1	13.7	12.9	16.6
	83	18.7	23.0	19.5	25.6	16.7	16.7	23.0
PCP/APU	75	5.6	2.8	1.9	3.4	22.0	32.2	12.3
	76	7.1	3.0	5.8	3.7	25.4	37.4	14.5
	79	12.8	6.0	9.7	7.5	29.7	44.0	20.2
	80	10.8	5.0	8.6	6.6	26.7	40.6	16.7
	83	11.9	5.0	8.8	6.6	28.7	42.7	18.7
PS/FRS	75	36.7	26.0	35.8	28.9	44.0	41.1	45.5
	76	37.0	24.7	34.0	27.6	37.1	34.1	44.5
	79	33.2	24.5	29.6	24.9	26.0	23.0	35.0
	80	31.8	22.2	28.5	24.9	27.5	23.4	34.7
	83	41.0	31.5	38.1	33.3	35.0	29.5	43.0
"AD"	75	44.1	54.5	43.6	50.1	17.8	10.0	17.3
	76	47.0	59.1	49.9	55.9	26.7	17.4	26.0
	79	47.4	58.8	52.9	59.1	36.5	25.5	34.5
	80	50.0	63.3	55.2	60.1	38.1	28.0	37.2
	83	41.7	55.6	47.4	52.8	30.4	21.7	30.5

QUADRO 1 - Percentagens regionais de votação nos partidos, nas eleições para a Assembleia da República (1975-1983)

O resumo da análise de correspondências efectuada sobre os dados do Quadro 1 está patente no Quadro 2.

A análise de correspondências permite extrair 2 factores que explicam 97,74% da variância total da matriz.³

O primeiro factor contribui em 90,74% para a explicação da

³ Que é, por seu lado, muito fraca, já que os efectivos das células são percentagens-linha.



região	FACTOR 1			FACTOR 2		
	F	CTR	CO2	F	CTR	CO2
NOLI	.16	2.7	.59	-.07	6.2	.11
NOIM	.38	15.8	.91	.11	15.9	.07
CELI	.25	6.5	.97	-.03	1.5	.02
CEIN	.34	12.2	.95	.07	7.8	.05
LSS	-.34	12.0	.99	.00	0.0	.00
ALEM	-.69	49.0	.97	.11	16.3	.02
ALGA	-.14	1.9	.30	-.20	52.3	.63
=====	=====	=====	=====	=====	=====	=====
voto						
ABST1	.10	0.1	.47	-.02	0.1	.02
ABST2	.09	0.2	.31	-.00	0.0	.00
ABST3	.04	0.0	.10	-.02	0.1	.03
ABST4	.08	0.1	.29	.02	0.1	.02
ABST5	.12	0.5	.59	.02	0.1	.01
APU1	-.94	14.1	.97	.15	4.9	.03
APU2	-.88	15.0	.98	.12	3.8	.02
APU3	-.71	13.0	.99	.07	1.6	.01
APU4	-.74	12.6	.98	.10	3.2	.02
APU5	-.74	13.5	.99	.08	2.0	.01
PS1	-.16	1.3	.63	-.12	9.5	.35
PS2	-.10	0.5	.29	-.16	16.0	.70
PS3	.01	0.0	.01	-.16	12.2	.92
PS4	-.02	0.0	.01	-.16	12.5	.95
PS5	.01	0.0	.01	-.13	11.4	.95
AD1	.46	0.0	.91	.12	8.2	.06
AD2	.35	7.4	.93	.03	6.5	.06
AD3	.24	3.8	.94	.05	2.4	.05
AD4	.24	3.7	.95	.05	2.4	.05
AD5	.27	4.1	.94	.07	3.1	.05

QUADRO 2 - Coordenadas, contribuições absolutas e contribuições relativas das regiões e das percentagens de voto entre 1975 (1) 1983(5).

variância total. A Figura 1 representa graficamente os resultados.



1.2 VOTOS E INDICADORES SÓCIO-ECONÔMICOS

O segundo conjunto de dados analisado foi retirado também do trabalho de Gaspar et al. (1984, p.68) e traduz em maior detalhe as relações entre as votações nos 4 grandes partidos, as abstenções e algumas variáveis de carácter sócio-económico relativas a 1983. Apenas uma parte da matriz apresentada pelos autores foi levada em consideração na nossa análise.

Depois de termos transformado a matriz de correlações original (Quadro 3) numa matriz de distâncias variando entre 0 e 1, através duma simples adição de uma constante, submetemo-la a uma técnica de análise descritiva multidimensional (MDSAL).

	APST 83	2 APU 83	3 CDS 83	4 PS 83	5 PSD 83	6 CAP. I.P. DIR.	7 INACEF.	8 FAM. MAL ALOJ.	9 MISSALIZANT.	10 %POP 70-81	11 %POP +2.000	12 %POP +5.000	13 CAMPESINATO	14 BURGUESIA	15 NOVA PEQ. BURGUESIA	16 PROL. AGRÍCOLA	17 PROL. INDUSTRIAL
APST 83	-																
2 APU 83	-.53	-															
3 CDS 83	.29	-.64	-														
4 PS 83	.02	-.17	-.34	-													
5 PSD 83	.44	-.76	.45	-.13	-												
6 CAP. I.P. DIR.	-.37	.16	-.13	-.17	-.07	-											
7 INACEF.	.42	-.22	.17	-.17	-.07	-.18	-										
8 FAM. MAL ALOJ.	.08	-.06	.15	-.07	-.18	-.18	.16	-									
9 MISSALIZANT.	.32	-.73	.69	-.08	-.36	-.21	.50	.14	-								
10 %POP 70-81	-.35	.13	-.36	-.21	.50	.14	-.27	.03	.23	-							
11 %POP +2.000	-.46	.56	-.21	.50	.14	-.27	.03	.23	-.22	.42	-						
12 %POP +5.000	-.39	.29	-.21	.50	.14	-.27	.03	.23	-.22	.42	.10	-					
13 CAMPESINATO	.64	-.56	-.19	.50	.14	-.27	.03	.23	-.22	.42	.10	-.27	-				
14 BURGUESIA	-.01	-.19	.28	.14	-.25	-.25	-.17	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-			
15 NOVA PEQ. BURGUESIA	-.45	.28	-.25	-.25	-.17	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-		
16 PROL. AGRÍCOLA	.01	.42	.07	.10	.10	.10	.10	.10	.10	.10	.10	.10	.10	.10	.10	-	
17 PROL. INDUSTRIAL	-.49	-.16	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-.10	-

QUADRO 3 - Matriz de correlações (parcial) apresentada por Gaspar et al. (1984), entre as votações de 1983 e alguns parâmetros sócio-económicos.

Foi obtida uma solução a 3 dimensões apresentando um "stress" de 0.171X que consideramos satisfatório. A Figura 3 mostra a organização dos indicadores do Quadro 3 no espaço definido pelas dimensões 1 e 2 do MDSAL.



1.3 VOTOS DECLARADOS E INDICADORES SÓCIO-ECONÓMICOS (EUROEXPANSÃO)

O terceiro conjunto de dados foi extraído da sondagem Euroexpansão.⁴

O procedimento utilizado neste terceiro caso foi idêntica à que havíamos utilizado na primeira análise.

O Quadro 4 apresenta as coordenadas (F), as contribuições absolutas (CTR) e as contribuições relativas (CO) dos 3 primeiros factores da análise de correspondências.⁵

A Figura 2 representa as coordenadas factoriais dos parâmetros que melhor explicam a variabilidade dos votos obtidos pelos 4 partidos e abstencionismo.

Fundação Cuidar o Futuro

⁴ Embora este conjunto de dados seja algo redundante em relação ao anterior, consideramos útil reservar-lhe algum espaço, já que os indicadores que nele são utilizados diferem ligeiramente dos indicadores utilizados por Gaspar et al.(1984). Para além disso, a relativa semelhança entre ambos os conjuntos de dados, permitir-nos-á comparar os resultados e a partir daí inferir da sua fiabilidade.

⁵ O primeiro factor contribui para a explicação de cerca de metade da variância da matriz (49,58%) e o segundo e terceiro factores explicam, respectivamente, 27,48% e 12,46% daquela variância.



Votos	F1	F2	F3	CTR1	CTR2	CTR3	CO1	CO2	CO3
APU	.34	-.05	-.08	58.3	2.7	13.6	.89	.02	.05
PS	.09	.08	.10	7.1	11.5	36.3	.27	.24	.35
PSD	-.16	.16	-.04	17.4	32.8	4.3	.42	.43	.03
CDS	-.10	-.01	-.17	3.5	.1	40.6	.15	.00	.43
ABSTENÇÃO	-.12	-.18	.04	13.7	52.9	5.2	.31	.65	.03
=====	=====	=====	=====	=====	=====	=====	=====	=====	=====
Parametros									
Lisboa	.22	-.05	-.06	6.3	.6	1.8	.86	.05	.06
Porto	.05	.13	.08	0.3	3.8	3.4	.08	.53	.22
Norte Lit.	-.20	.10	.02	5.0	2.3	.2	.60	.16	.01
Cent. Lit.	.07	-.04	.06	.6	.3	1.7	.49	.14	.32
Norte Int.	-.35	-.01	-.00	15.5	.0	.0	.99	.00	.00
Sul Int.	.26	-.11	.00	8.6	3.0	.0	.68	.13	.00
Est. ALTO	-.42	.24	-.08	22.8	13.3	3.3	.64	.21	.02
SUP.	.15	-.08	.09	2.8	1.6	3.8	.60	.19	.21
MED.	-.01	.00	-.01	.0	.0	.1	.04	.01	.25
BAIXO	-.01	.03	.02	.0	.2	.2	.05	.29	.12
Hab -1000H	-.07	-.04	.02	0.6	.4	.1	.64	.21	.03
1000/2500	.07	.11	-.04	0.6	2.8	.7	.16	.42	.05
2500/10M	-.06	-.05	.27	0.5	.6	38.1	.05	.03	.92
10M/100M	.11	.12	-.06	1.6	3.5	1.7	.38	.45	.10
100M/500M	.24	.04	-.15	7.5	.4	11.6	.61	.02	.24
+500M	.09	.08	-.10	1.1	1.6	5.2	.19	.15	.23
MASCULINO	.05	.09	.08	.3	1.7	3.5	.12	.43	.39
FEMININO	-.03	-.08	-.06	.1	1.4	1.7	.06	.52	.28
-25 ANOS	-.28	-.40	.03	10.4	36.1	.3	.34	.65	.00
25-34 ANOS	.22	.04	.03	6.4	.3	.6	.95	.02	.02
35-44 ANOS	.16	.12	.12	3.1	3.5	5.9	.40	.25	.22
45-54 ANOS	-.01	.05	-.02	.0	.5	.1	.05	.74	.09
55-64 ANOS	-.02	.01	-.01	.1	.0	.1	.04	.01	.01
+65 ANOS	-.08	.18	-.13	.7	7.3	.3	.10	.53	.31
CHEFE FAM.	.06	.11	.00	.4	2.9	.0	.21	.78	.00
DONA-CASA	-.02	-.11	-.11	.0	2.6	5.6	.01	.40	.39
OUTROS	-.19	-.20	.01	4.6	9.4	.1	.45	.51	.00

QUADRO 4 - Análise de correspondências sobre os parâmetros considerados pela sondagem Euroexpansão, em relação às opções de voto dos entrevistados, em 1983.



1.4 UM BREVE COMENTÁRIO ACERCA DOS DADOS

Antes de iniciarmos a interpretação dos resultados, devemos sublinhar o facto de que o seu interesse é unicamente o de apontar pistas de trabalho e indicações relativas aos resultados das sondagens para as presidenciais que analisaremos depois.

Para além disso, os dados são incompletos e/ou pouco precisos. Por exemplo, a matriz do Quadro 1 leva-nos a colocar algumas questões sobre o nível de detalhe com que representa a realidade. Assim, e como ilustração, se analisarmos a coluna correspondente à região do Norte Interior (NOIN), constataremos que o abstencionismo e o PS aumentam, entre 1980 e 1983, de uma percentagem total acumulada de 13.6%, enquanto que a "AD" desce 7.7%. Poderemos, então, perguntar onde se situam os 5.9% restantes do eleitorado ($13.6\% - 7.7\% = 5.9\%$). A matriz considerada é, aliás, fértil neste tipo de imprecisão.

Se não considerarmos que esta percentagem-resto está compreendida nos pequenos partidos não considerados, ou que releva de alguma imprecisão da amostragem, é evidente que a nossa análise se torna algo aleatória. De qualquer modo, não podemos contar com a informação eventualmente interessante (no nosso exemplo, ela representa mais de 5% do eleitorado) que nos seria fornecida se tivessem sido consideradas o que julgamos constituir flutuações de voto.

Deveremos, assim, levar em conta as imprecisões, a incompreensão possível da nossa parte em relação à estrutura dos dados, as eventuais flutuações de amostragens, como factores de relativização dos resultados que apresentamos.



Tal facto não significa que estes resultados não tenham qualquer validade. Pelo contrário, a sua semelhança estrutural através dos diferentes conjuntos de dados é indicadora de uma fidedignidade e validade muito satisfatórias.

Fundação Cuidar o Futuro



II

OS PRINCIPAIS RESULTADOS

Tentaremos descrever primeiramente a estrutura político-partidária nacional e a sua evolução. Passaremos em seguida à análise das características diferenciadoras dos grupos sociais que constituem o eleitorado. Após essa descrição demográfica e sociológica centrar-nos-emos sobre o fenómeno de flutuação de votos e sobre o abstencionismo. Pensamos assim poder colocar hipóteses sobre os grupos que deveriam ser tomados como alvos de uma eventual intervenção política e também sobre o posicionamento ideológico óptimo de uma tal intervenção.

2.1 OS VOTOS E AS REGIÕES GEOGRÁFICAS

Um primeiro fenómeno que resulta dos resultados que apresentamos acima é o paralelismo que existe entre a dimensão geográfica "norte-sul" e a dimensão política tradicional "esquerda-direita". Assim, enquanto que a APU obtém a maior parte dos seus votos na região "Alentejo" ou "Sul Interior" e nas regiões de Lisboa, Santarém e Setúbal, e que o PS é claramente maioritário na região algarvia (cfr. Quadro 2), os partidos da "AD" obtém votações maioritárias sobretudo no Norte e no Centro interiores e na cidade do Porto. Notemos entretanto que o PS recolhe uma percentagem relativamente elevada de votos nesta última cidade (cfr. Figura 2).



A organização geográfico-partidária obtida não constitui surpresa. Julgamos, no entanto, que é útil sublinhá-la pelas implicações que, como veremos, tem na estrutura de intenções de votos para as próximas eleições presidenciais. Antes disso, convém salientar alguns fenómenos estruturais eventualmente interessantes.

O primeiro desses fenómenos é que, enquanto que certas regiões do país apresentam um consenso político maioritário entre 1975 e 1983, outras há que partilham claramente diferentes opções políticas. No primeiro caso encontram-se as regiões do Alentejo, para a APU, do Algarve, para o PS e, do norte e centro interiores para os partidos da "AD". No segundo caso encontram-se as regiões de Lisboa, Santarém e Setúbal, que se divide fundamentalmente entre os votos APU e PS e a abstenção. As regiões do litoral norte e centro são partilhadas principalmente entre o abstencionismo e os votos "AD" e PS.

Um segundo fenómeno claramente evidenciado pela análise de correspondências e salientado na Figura 1 é o comportamento sui generis das regiões litorais. Ao contrário de todas as outras regiões, o Norte e o Centro litorais parecem ser maioritariamente abstencionistas. A sondagem "Euroexpansão" apresenta dados que, não sendo tão claros como os de Gaspar et al. (1984) em relação a este aspecto, também não estão em contradição com ele. De facto, podemos constatar através da Figura 2 que a região do Norte interior está mais próxima da "abstenção" do que o Norte Litoral, ao invés do que está patente na Figura 1. Reparemos, porém, no facto de que enquanto que os dados de Gaspar et al. (1984), estruturados pela Figura 1, descrevem o conjunto dos comportamentos eleitorais desde 1975, os dados da sondagem



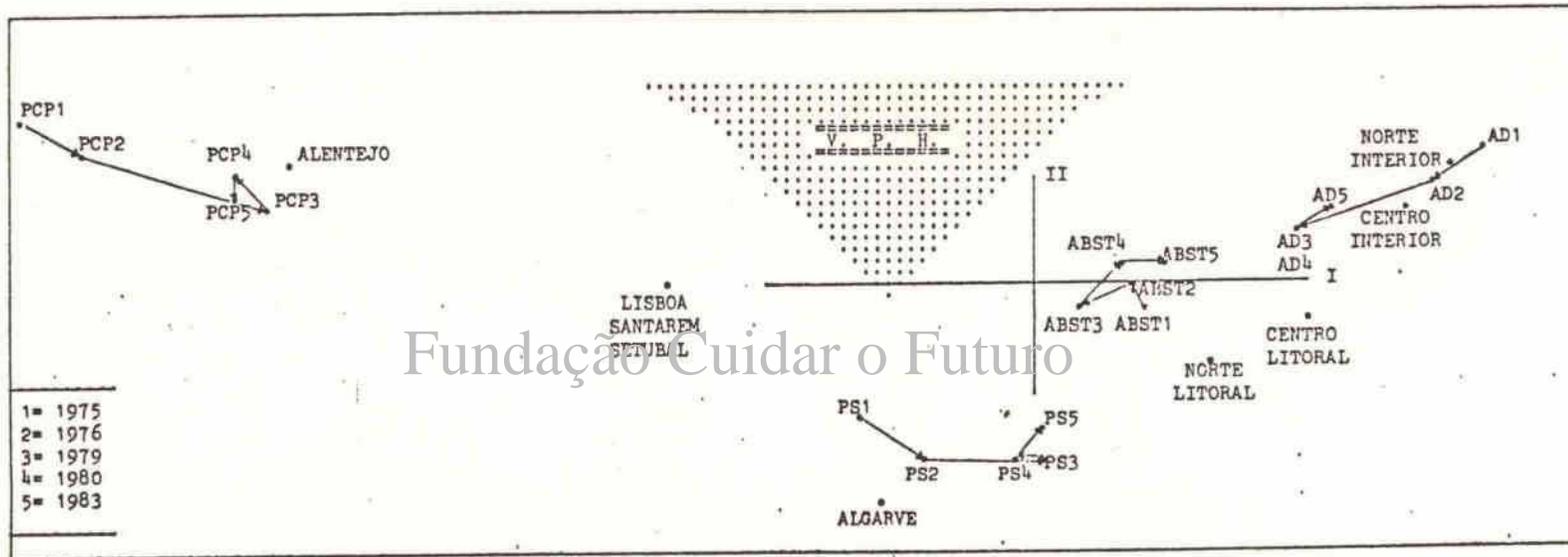


FIGURA 1 - Estrutura regional das votações partidárias 1975-1983.
Dados de Gaspar et al. (1984).



"Euroexpansão" referem apenas os resultados relativos às eleições de 1983. Poderemos assim considerar a Figura 1 como sendo capaz de representar de forma correcta, embora simplificada, as principais opções e estratégias de voto por região e, no que nos diz respeito, as regiões mais susceptíveis de constituir alvos ideais de intervenção política: o norte e centro litorais, zonas de mais generalizado abstencionismo eleitoral. Voltaremos a este problema na sequência do estudo, e nomeadamente ao que assinalamos nessa figura como V.P.H. ("Vector Político Hipotético").

2.2 AS CARACTERÍSTICAS DO ELEITORADO

Os dados permitem-nos igualmente aperceber certas características indicadoras do tipo de comportamento de voto adoptado pelos grupos que compõem o eleitorado. Estes grupos poderiam ser divididos em três grandes categorias típicas: os grupos "fiéis" a um dado partido; os grupos "flutuantes"; os grupos "abstencionistas".

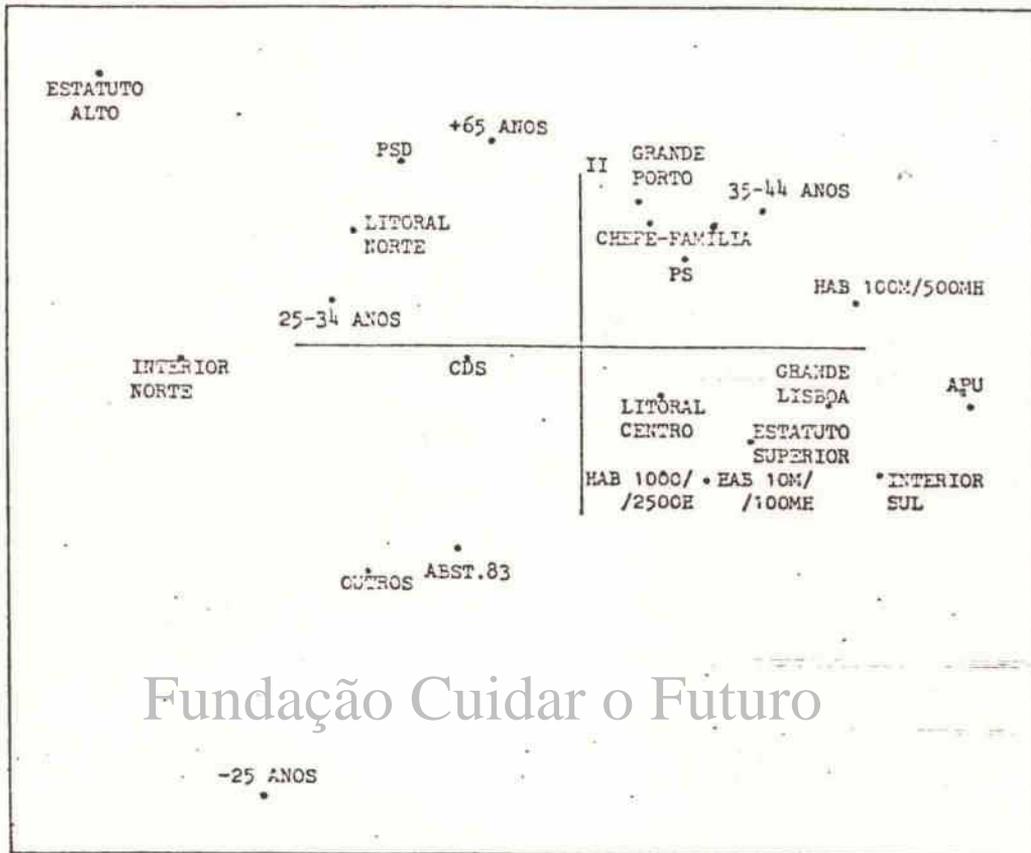
Fundação Cuidar o Futuro

2.2.1 A "fidelidade" partidária

A análise do Quadro 4 e da Figura 2, permite constatar a existência de uma oposição estrutural (salientada pelo primeiro factor da análise de correspondências) entre o eleitorado da APU ($F1=.34$; $CTR1=58.3\%$; $CO2=.89$) e o eleitorado do PSD ($F1=-.16$; $CTR1=17.4\%$; $CO2=.42$) e os abstencionistas ($F1=-.12$; $CTR1=13.7\%$; $CO2=.31$).

Uma tal oposição, que distingue os grupos mais diferenciados no seio do eleitorado, não explica, no entanto, as relações existentes entre os abstencionistas e os simpatizantes do PSD. Essas relações são evidenciadas





Fundação Cuidar o Futuro

FIGURA 2 - Estrutura sócio-económica e regional das votações partidárias. Dados da sondagem "Euroexpansão" de Novembro de 1984.



ja ao nível do segundo factor (eixo vertical) patente na mesma figura. Este último factor mostra que embora possuam características comuns com importância suficiente para se oporem aos eleitores da APU, os abstencionistas e o eleitorado do PSD têm ainda algumas diferenças não-negligenciáveis.

Por fim, o terceiro factor (Quadro 4) opõe o eleitorado típico do CDS ao eleitorado típico do PS. O facto de estes dois últimos grupos serem apenas discriminados ao nível do terceiro factor (cerca de 13% da variância) parece indicar que os votantes do PS e do CDS estão, de modo geral, dispersos no interior dos diferentes grupos sócio-económicos considerados e logo, que a sua localização e definição se torna mais difícil do que as dos eleitores da APU, do PSD ou dos abstencionistas, em termos dos parâmetros considerados na análise.

Em síntese, a estrutura das relações entre os grupos de eleitores, definidos em termos geográficos e sócio-económicos mostra a existência de uma hierarquia de diferenciações:

- 1- diferenciação entre o eleitorado APU, por um lado, e o eleitorado PSD e abstencionista, por outro;
- 2- diferenciação entre o eleitorado PS e o eleitorado CDS: ao contrário dos 3 primeiros grupos, relativamente homogéneos em função dos indicadores sócio-económicos considerados, estes dois revestem-se de características mais ambíguas e distribuem-se através de diferentes grupos sociais. Trata-se, como veremos mais à frente, de um problema



com que terão de contar os grandes candidatos às eleições presidenciais.

Os resultados globais salientados no parágrafo anterior parecem ser igualmente confirmados pelo MDScal efectuado sobre os dados do Quadro 3. Nota-se, na Figura 3, a existência de uma clara oposição entre o voto "APU", por um lado, e o voto "PSD" e a abstenção, por outro, embora a existência de apenas duas dimensões não nos permita conhecer as relações entre o PS e o CDS.

Também a análise de correspondências resumida na Figura 1 e no Quadro 2 mostra uma oposição nítida e idêntica entre as 3 forças políticas (neste caso entre a "APU" e a "abstenção" e o voto "AD"). Para além disso, nota-se claramente nessa Figura a existência de regiões geográficas que contribuem fortemente para a diferenciação do eleitorado.

2.2.2 As afinidades população-Partidos

Tendo sido traçada a perspectiva global, debruçemo-nos mais detalhadamente sobre as características do eleitorado.

Como o mostra a Figura 3, as duas dimensões do MDSCAL definem 4 zonas políticas:

- 1 - a zona correspondente ao eleitorado APU;
- 2 - a zona correspondente ao eleitorado abstencionista;
- 3 - a zona correspondente ao eleitorado PS;
- 4 - a zona correspondente aos eleitorados CDS e PSD.



A informação fornecida pelo MDSCAL pode assim ser analisada em termos das relações que existem entre as diferentes forças políticas e as características sociais dos diferentes sectores do eleitorado. Pode constatar-se aí, que a APU é apoiada sobretudo pela "pequena burguesia tradicional", nas localidades de mais de 2.000 habitantes, enquanto que os abstencionistas fazem parte, sobretudo, do grupo dos pequenos proprietários agrícolas (campesinato) e do "proletariado rural". Este último grupo está correlacionado com os parâmetros "inaccessibilidade" e "mau alojamento".

Por seu lado, o PSD e o CDS são apoiados sobretudo pela burguesia e pelos católicos praticantes. O PS obtém os seus votos sobretudo do "proletariado industrial" e da "nova pequena burguesia".

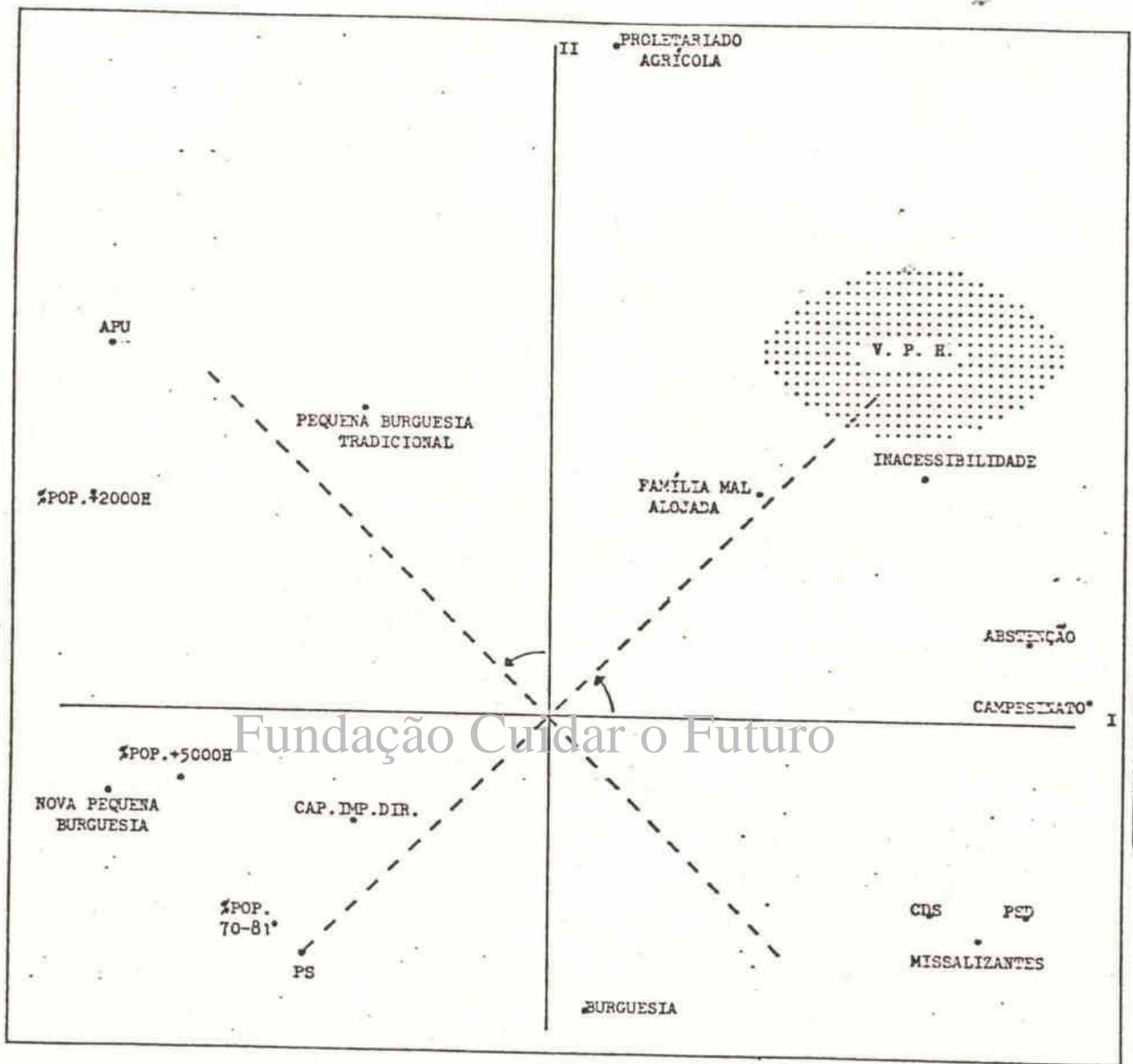
Dada a clareza das relações entre as diferentes variáveis tal como são mostradas na Figura 3, deixaremos ao leitor a sua análise mais detalhada. Consideremos, em seguida, os resultados da sondagem "Euroexpansão".

2.2.3 O eleitorado APU

Como o mostra o Quadro 4, o eleitorado APU pertence fundamentalmente à região do "Sul interior" (ou "Alentejo"), às localidades de 100.000-500.000 habitantes e à capital. Este eleitorado compõe-se sobretudo pelos cidadãos considerados pela sondagem como tendo "estatuto superior" e com idades compreendidas entre 25 e 44 anos.

Pelo contrário, o eleitorado que, tipicamente, não vota APU, caracteriza-se pelo facto de habitar ao norte do país, pelo seu "estatuto alto" e/ou pelo seu papel secundário ao nível do agregado familiar ("outros"). Este eleitorado é tipicamente jovem (menos de 25 anos).





Fundação Cuidar o Futuro

FIGURA 3 - Estrutura sócio-econômica das votações partidárias em 1983. Dados de Gaspar et al. (1984).



2.2.4 O eleitorado PSD

Se nos reportarmos às modalidades com mais fortes contribuições para a inércia do segundo factor da análise de correspondências efectuada sobre os dados da sondagem Euroexpansão, e com coordenadas positivas nesse factor, localizaremos as principais características do eleitorado PSD. Este, caracteriza-se pelo seu "estatuto alto", pela pertença à região geográfica do "Norte litoral", estando aí incluída a cidade do Porto. Trata-se sobretudo de eleitores do sexo masculino, de pessoas com idades compreendidas entre 35 e 44 anos ou com mais de 65 anos e de chefes de família. A Figura 2 complementa esta informação.

2.2.5 Os eleitorados do PS e do CDS

Se é possível encontrar perfis típicos relativos aos comportamentos de voto descritos até aqui, mais difícil se torna estabelecer tais perfis para os eleitorados do PS e do CDS. Poder-se-á, ainda assim, guardar como informação o facto de que estes eleitorados se situam mais representativamente nas pequenas localidades, na cidade do Porto, e na região do "Centro litoral". É o caso do PS, cujos eleitores são para além disso, tipicamente do sexo masculino e com idades compreendidas entre 35 e 44 anos.

O eleitorado do CDS encontra-se sobretudo nas localidades médias (100.000-500.000 habitantes) e grandes (mais de 500.000 habitantes). Do ponto de vista da sua caracterização social, os eleitores típicos deste partido, recrutam-se entre as donas-de-casa e os indivíduos com mais de 65 anos de idade.



2.2.6 O eleitorado abstencionista

Nota-se através dos diferentes conjuntos de dados analisados, que os abstencionistas formam um sector bem definido do eleitorado. O Quadro 2 mostra que os abstencionistas se encontram sobretudo no Norte do país (cfr. Figura 1) e particularmente no Norte e no Centro litorais. A Figura 2 mostra que este grupo é formado tipicamente por indivíduos do sexo feminino, por jovens, por donas-de-casa.

Mas são sobretudo os dados da Figura 3 (cfr. também Quadro 3) que se revestem de um maior interesse em relação a este fenómeno. Através desses dados é possível localizar os grupos sociais que "por norma" se abstêm: são os membros do "campesinato" e também uma parte dos membros do "proletariado agrícola". Se relacionarmos este facto com os dados da primeira análise (Quadro 1 e Figura 1), poderemos supôr que são estes dois grupos e, em geral, os habitantes do litoral aqueles que poderão constituir o alvo privilegiado de uma força política ainda não institucionalizada. Defenderemos este ponto de vista mais adiante em relação às candidaturas presidenciais.

Notemos, no entanto, que seria incorrecto considerar-se os "abstencionistas" como um só grupo. Com efeito, mesmo se tais indivíduos não são mobilizados por um discurso partidário, eles diferem ideologicamente. A Figura 3 mostra, por exemplo, que seria extremamente improvável que o "proletariado agrícola" votasse PS, PSD ou CDS (eixo vertical), ou, que os membros do "campesinato" votassem APU ou PS (eixo horizontal).

Assim, cada um daqueles dois grupos potencialmente abstencionistas parecem agrupar tendências ideológicas, em última análise, opostas: seria



mais fácil à APU mobilizar os votos do "proletariado agrícola abstencionista" do que ao PS, ao PSD ou ao CDS. Pelo contrário, seria mais fácil ao PSD ou ao CDS, mobilizarem os membros abstencionistas do "campesinato", do que ao PS e, sobretudo, à APU.

2.2.7 O eleitorado flutuante

2.2.7.1 As tendências estruturais de flutuação

A Figura 1 indica a existência de flutuações partidárias estruturais entre 1975 (1) e 1983 (5). Estas flutuações, traduzidas pelas setas que unem os pontos representativos de cada percentagem de votação partidária, mostram que apenas a APU e o abstencionismo constituem tendências relativamente estáveis. Concretamente, este facto deixa supôr que se trata das duas únicas opções de voto que não decrescem percentualmente a favor de outras opções. A APU deve claramente a sua estabilidade à região Alentejana. O abstencionismo, por seu lado, deve-a sobretudo às regiões do norte e do centro litoral. Pelo contrário, os partidos da "AI" e o PS aproximam-se progressivamente da abstenção ou, noutros termos, perdem de cada vez um número eventualmente não-negligenciável de votos a favor do abstencionismo, e isto sobretudo a partir das legislativas de 1979.

Mas os movimentos de flutuação observáveis na Figura 1 não referem apenas as trocas entre os partidos e o abstencionismo. Nela se podem observar igualmente as trocas entre partidos. Neste sentido, parece claro o movimento progressivo de aproximação recíproca entre os partidos da "AD" e o

⁶ Este último partido tem, aliás, um comportamento interessante, ao "instalar-se", a partir de 1979, exactamente sobre o segundo factor ($F1=.01$, $F1=-.02$, $F1=.01$, respectivamente para PS3, PS4 et PS5).



PS.⁶ Noutros termos, poderíamos colocar como hipótese que, a partir dessa data o PS deixa de participar da dimensão "direita-esquerda" (traduzida claramente pelo eixo horizontal da Figura 1, correspondente ao primeiro factor da análise de correspondências) que parece organizar as polarizações regionais. Este facto indica que é provável que os seus eleitores se desloquem igualmente para a "AD" e para a APU. É o que mostra a análise detalhada das flutuações eleitorais.

2.2.7.2 As tendências de flutuação regionais

O Quadro 5 mostra as correlações entre as percentagens de voto obtidas pelos partidos políticos e pelo abstencionismo nas regiões que haviam sido consideradas no Quadro 1 entre 1975 e 1983.

A matriz I, para as percentagens nacionais, mostra que no conjunto das flutuações partidárias, o PS se encontra entre a APU ($r = -.63$) e a "AD"

⁷ Importa aqui definirmos a interpretação que faremos em relação às correlações. Em si, a correlação entre duas medidas é positiva quando essas medidas evoluem de modo idêntico, e negativa quando as medidas evoluem no sentido inverso uma da outra. Recordaremos aqui que as razões pelas quais tal evolução se processa são desconhecidas.

Aplicada ao nosso objectivo (evolução temporal dos comportamentos de voto), uma correlação positiva entre dois candidatos significa que eles apresentam, em cada mês que passa, uma evolução idêntica: quando o score de um aumenta, o score do outro aumenta igualmente, ou, quando o score de um diminui, o score do outro diminui igualmente. Pelo contrário, uma correlação negativa significa que se um progride, o outro recua.

Já que a população de eleitores não é extensível, seremos obrigados a pensar que dois candidatos em correlação negativa são candidatos que se disputam por um mesmo grupo de eleitores, enquanto que dois candidatos em correlação positiva poderiam, quer dirigir-se a um mesmo eleitorado, quer situar-se em total oposição um ao outro indo, no entanto, ganhar os seus respectivos eleitores junto de um "fundo comum".

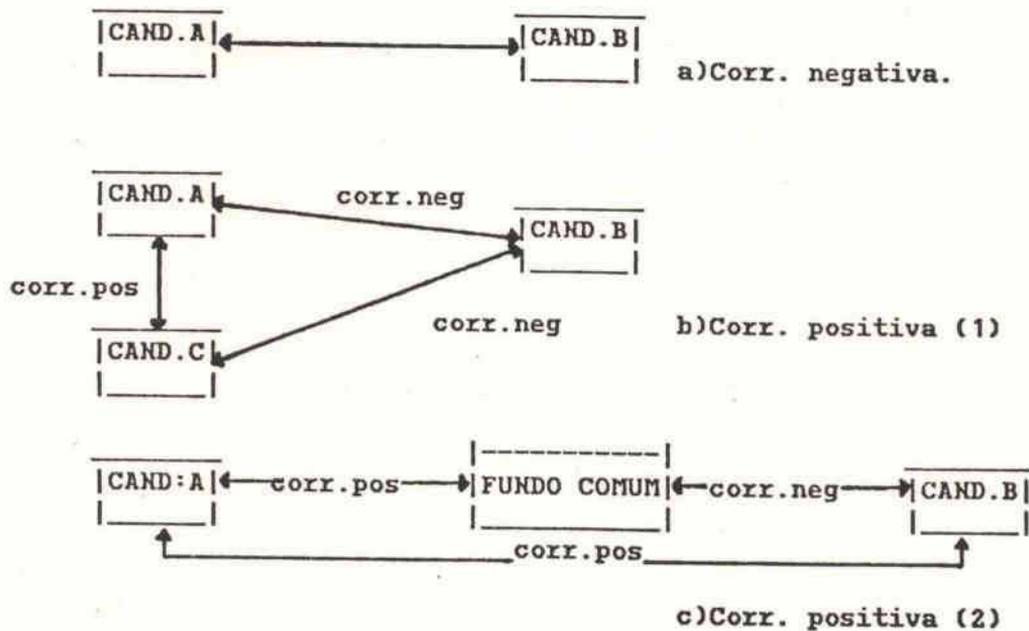
Este raciocínio pode traduzir-se gráficamente (página seguinte):



($r = -.64$).⁷ Assim, tal como deixava supor o posicionamento do PS nas Figuras 1 e 2, este partido disputa votos à sua direita e à sua esquerda. Noutros termos, quando a percentagem de votos no PS aumenta, as percentagens da "AD" e da APU diminuem. No entanto, a magnitude da correlação AD-PS ($-.94$) quando comparada à da correlação APU-PS ($-.63$), indica que a "franja flutuante" entre os dois primeiros partidos é mais significativa do que a que existe entre os dois últimos.

Sob esta óptica, aceitaremos que o PS é, à escala nacional, o partido ideologicamente menos "puro" de entre os que foram considerados na análise. Ele dispõe de dois sub-grupos flutuantes, um situado à sua direita e outro situado à sua esquerda. Como veremos adiante, este último subgrupo poderá ter, nas presidenciais, um comportamento indesejável para o "candidato" M. Soares.

Fundação Cuidar o Futuro



Um outro aspecto a salientar é a excepção que constituem o Norte Litoral e Interior e o Centro Litoral à flutuação entre o PS e a APU, generalizada no resto do país. De facto, estas regiões apresentam a particularidade de nelas existirem correlações muito fracas entre as percentagens de votos no PS e na APU (de $r=.02$ no Norte Interior até $r=-.19$, no Centro Interior). Ou seja, trata-se de regiões onde não existe praticamente flutuação de voto entre o PS e a APU. Ainda noutros termos, trata-se de regiões onde a franja eleitoral do PS apenas se move para a "direita". É o que mostram as fortes correlações negativas que existem nessas regiões entre as percentagens de voto "AD" e PS ($r=-.92$, $-.74$, e, $-.77$, respectivamente para o Norte Litoral, o Norte Interior e o Centro Interior).

Uma segunda particularidade regional é a flutuação entre o voto PS e o abstencionismo na região de Lisboa, Santarém e Setubal e na região do Alentejo. Poderemos supor que existe nessas regiões uma camada do eleitorado PS que, em vez de flutuar para a "direita" ou para a "esquerda" prefere abster-se. Tratar-se-á, eventualmente, de um terceiro tipo de abstencionistas que, em certas circunstâncias não votam PS mas também não se identificam com as estratégias da APU (um eleitorado de "esquerda não-tradicional"?)

É igualmente de salientar o facto de que, complementarmente, nas regiões do Noroeste e do Centro, as correlações entre as percentagens do voto PS e do abstencionismo são positivas e relativamente fortes ($r=.61$, $r=.55$, $r=.34$ e, $r=.57$, respectivamente para o Norte Litoral, o Norte Interior, o Centro Litoral e o Centro Interior). Embora não possamos ignorar o tipo de problemas que se colocam à explicação de uma correlação negativa (cfr.



supra), poderemos supôr, em primeira análise, que a troca entre as opções PS e

	ABS	APU	PS	ABS	APU	PS	ABS	APU	PS	ABS	APU	PS
APU	.53			.48			.29			.55		
PS	.08	-.63		.61	-.17		.55	.02		.34	-.44	
AD	.24	.72	-.94	-.42	.11	-.92	.12	.37	-.74	.18	.76	-.87
	TOTAL (I)			NOLI (II)			NOIN (III)			CELI (IV)		
APU	.28			.60			.69			.53		
PS	.57	-.19		-.26	-.82		-.50	-.90		-.02	-.67	
AD	.06	.63	-.77	.39	.83	-.98	.57	.88	-.99	.49	.81	-.88
	CEIN (V)			LSS (VI)			ALEN (VII)			ALGA (VIII)		

QUADRO 5 - Correlações entre as percentagens de votos obtidas pelos partidos e pelo abstencionismo por região, nas eleições para a Assembleia da República, entre 1975 e 1983 (cfr. Quadro 1).

abstenção é inversa da observada nas duas regiões de que falamos anteriormente. Ou seja, nas regiões do Norte e Centro quando a percentagem de votação PS aumenta ou diminui, o abstencionismo aumenta ou diminui igualmente. Ainda noutros termos, não existe nessas regiões flutuação para a esquerda do PS e todas as transferências de votos se passam entre este partido e os partidos da "AD".

Por fim, na região do Algarve a correlação entre o PS e o abstencionismo é praticamente nula ($r = -.02$). O aumento ou o decréscimo das percentagens obtidas por cada uma das duas tendências são, aparentemente, fenómenos independentes.

2.2.7.3 Os grupos flutuantes

Tendo analisado as principais tendências de flutuação eleitoral nas diferentes regiões do país, resta-nos tentar determinar quais os grupos mais



responsáveis por tais flutuações. Para tal, recorreremos à segunda análise apresentada acima, efectuada através do MDSal.

Nota-se, para já, na Figura 3, que certos grupos apresentam uma maior proximidade em relação a um único partido: são estes grupos os que, mais provavelmente, votam maioritariamente por esse partido. Existem no entanto outros grupos que se situam de forma mais ou menos clara entre 2 forças políticas: são os grupos que possivelmente flutuam ou que, em todo o caso se partilham entre diferentes opções políticas.

Por exemplo, enquanto que a "pequena burguesia tradicional" e o "proletariado industrial" parecem votar maioritariamente, respectivamente na APU e no PS, a "burguesia" distribui os seus votos entre o CDS e o PSD, por um lado, e o PS, por outro. Do mesmo modo, a "nova pequena burguesia" divide-se entre o PS e a APU.

No que respeita aos membros do "campesinato", pode dizer-se que se encontram face a duas opções: o voto PSD/CDS e o abstencionismo. O "proletariado agrícola", que tende também para a abstenção (eixo horizontal da Figura 3), inclina-se simultaneamente para o voto APU.

Em resumo, poder-se-ia supôr que existem 4 sub-grupos do eleitorado nacional aparentemente "indecisos", embora essa indecisão se estabeleça entre opções de voto diferentes:

- a "nova pequena burguesia", recuperável pela APU em detrimento do PS;



- o "campesinato", recuperável pelo CDS e pelo PSD em detrimento do abstencionismo;
- a "burguesia" recuperável pelo PS em detrimento do CDS e do PSD;
- o "proletariado agrícola" recuperável pela APU em detrimento do abstencionismo.

Fundação Cuidar o Futuro



III

AS INTENÇÕES DE VOTO DE JANEIRO-OUTUBRO PARA AS PRESIDENCIAIS

Na secção precedente, examinamos os comportamentos de voto da população portuguesa nas eleições para a Assembleia da República durante o período de 1975-1983. Abordemos agora as INTENÇÕES de voto dessa população durante o período de Janeiro a Outubro de 1984 para as eleições presidenciais.

Para tal servir-nos-emos dos dados da sondagem "Marktest" publicados na imprensa ("O Jornal") em 1.11.1984. Esses dados referem-se a sondagens mensais à cerca das intenções de voto no caso de eleições presidenciais.

Para a análise dos resultados levaremos em conta o facto de que as características de tais sondagens (e nomeadamente o grau de precisão das estimativas) nos são desconhecidos. Não podemos, assim, conduzir a análise levando em consideração a existência de eventuais "Fourchettes".

3.1 AS INTENÇÕES DE VOTO NO CASO DE ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

Duas séries de dados se encontravam à nossa disposição. Por um lado (Quadro 6) as respostas espontâneas de uma amostra de eleitores, à questão de saber por quem votariam no caso de eleições presidenciais; por outro lado (Quadro 7) as escolhas fornecidas por essa mesma amostra em relação a uma lista que lhe era apresentada.



Referências espontâneas	MAIO	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.
Candidato apoiado por Eanes/Eanes	13	9	9	14	15	14
Lurdes Pintasilgo	6	11	10	6	5	7
Mario Soares	9	6	6	5	5	7
Freitas do Amaral	3	7	6	4	3	6
Mota Amaral	6	4	5	4	4	3
Outros	8	8	11	11	9	10
Não tenciona votar	11	10	13	14	15	17
Não responde/Sem opinião	44	45	40	42	44	38

QUADRO 6 - Sondagem Marktest, publicada em "O Jornal".
Referências espontâneas.

Referências sugeridas	MAIO	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.
Lurdes Pintasilgo	20	24	23	19	20	21
Mario Soares	11	11	12	11	11	13
Freitas do Amaral	12	13	13	11	10	12
Mota Amaral	9	11	10	10	9	9
Firmino Miguel	3	4	4	4	5	7
Salgado Zenha	4	2	3	3	2	1
Mota Pinto	1	2	1	2	3	3
Garcia dos Santos	1	1	1	1	1	1
Almeida e Costa	0	0	0	0	0	0
Não votava	17	14	15	18	18	16
Não responde/Sem opinião	22	19	17	20	21	17

QUADRO 7 - Sondagem Marktest publicada em "O Jornal". Referências sugeridas.

3.2 O "EFEITO EANES"

A partir da comparação dos dois Quadros, nota-se imediatamente que o número de eleitores "Não responde/sem opinião" é maior quando é deixada aos inquiridos a possibilidade de referência espontânea a um eventual candidato.

Tal facto não tem muito de surpreendente. Com efeito, é mais fácil optar por uma alternativa de entre um conjunto possível do que elaborar espontâneamente uma opinião.



	MAI.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	Média %
L. Pintasilgo	+14	+13	+13	+13	+15	+14	13,67
M. Soares	+ 2	+ 5	+ 6	+ 6	+ 6	+ 6	5,17
F. do Amaral	+ 9	+ 6	+ 7	+ 7	+ 7	+ 6	7,00
Mota Amaral	+ 3	+ 7	+ 5	+ 6	+ 5	+ 6	5,33
Outros	+ 1	+ 1	- 2	- 1	+ 2	+ 2	0,50
Não votava	+ 6	+ 4	+ 2	+ 4	+ 3	- 1	3,00
Não responde/S. opinião	-22	-26	-23	-22	-23	-21	22,53
Saldo	13	10	8	13	15	12	11,83

QUADRO 8 - Resultado quantitativo do "efeito Eanes".

Todavia, a diferença entre a escolha espontânea e a escolha "sugerida" é indicativa das "susceptibilidades" do eleitorado que se afirma "sem opinião". É este fenómeno que examinaremos imediatamente.

No Quadro 8 observa-se que, ao subtrair os scores obtidos espontâneamente dos scores obtidos através da sugestão de candidatos, a ausência do candidato Eanes traduz-se por um ganho médio de:

13,67% para L. Pintasilgo;

5,00% para F. do Amaral;

5,33% para M. Amaral;

5,17% para M. Soares;

3,00% para as abstenções.

O ganho total dos candidatos (34,17% !) corresponde à soma dos votos recebidos espontâneamente pelo "candidato" R. Eanes com a diferença obtida entre os scores "Sem opinião" no Quadro 6 e no Quadro 7.



Tal facto significa que 22,83% das pessoas interrogadas se pronunciam por um ou por outro candidato quando estes lhes são sugeridos, afirmando-se "sem opinião" quando a escolha espontânea lhes é permitida.

É, sem dúvida, interessante perguntar-se para onde se transferem esses 22,83% de votos. Uma primeira resposta parcial pode ser encontrada efectuando-se a correlação entre as respostas espontâneas e as respostas à lista de candidatos sugeridos. É o que apresenta o Quadro 9.

	EANES	NÃO VOTAVA	SEM-OPINIÃO
L. Pintasilgo	-.90	-.45	.03
M. Soares	.86	.65	-.92
F. do Amaral	-.88	-.51	-.18
M. Amaral	-.77	-.60	.30

QUADRO 9 - Padrão de transferências de votos após a exclusão do "candidato" R. Eanes, para os candidatos "maiores".

Imediatamente se nota que o eleitorado eanista se transfere em maioria para L. Pintasilgo, F. do Amaral e M. Amaral, que os "não-votantes" se transferem para os mesmos candidatos mas em ordem inversa, enquanto que o grande beneficiário dos "sem-opinião" parece ser M. Soares!

O exame separado dos dois Quadros precedentes mostra-nos, para já, que certos candidatos são relativamente estáveis, enquanto que os scores de outros evoluem claramente... os primeiros são L. Pintasilgo, M. Amaral, F. do Amaral e M. Soares; os segundos, são S. Zenha (que começa com um score máximo, para atingir o seu mínimo em Outubro) e M. Pinto e F. Miguel, que provocam o fenómeno inverso! (cfr. Quadro 8).



Mesmo considerando que os três candidatos "menores" não podem pretender à vitória, não deixa ser interessante saber com que outros candidatos eles estão melhor correlacionados. Do quadro 10, que mostra as correlações entre estes três candidatos "menores" e os três precedentes, ressalta o facto de que apenas M. Pinto está em correlação negativa significativa com M. Soares, enquanto que F. Miguel correlaciona positivamente com este. O eleitorado de M. Pinto seria, então, susceptível de se ligar a M. Soares, embora não de modo exclusivo.

	Pintasilgo	Soares	F.Amaral	M.Amaral
F.Miguel	-.04	.78	-.19	-.36
M.Pinto	-.46	-.72	-.42	-.35
S.Zenha	.08	.59	.07	.20

QUADRO 10 - Correlações entre candidatos "maiores" e candidatos "menores", a partir dos dados da sondagem Markstest.

Se considerarmos, finalmente, as correlações obtidas para os diversos candidatos, quando os seus nomes são apresentados numa lista (Quadro 8), observaremos, como primeiro resultado, que L. Pintasilgo está em forte correlação negativa com os que afirmam não tencionar votar nas eleições presidenciais.



	Pintas.	Soares	F.Amaral	M.Amaral
M. Soares	.19			
F. Amaral	.81	.31		
M. Amaral	.67	-.29	.56	
Não Vota	-.92	-.24	-.85	-.65
S/Opinião	-.75	-.74	-.66	-.36

QUADRO 11 - Correlação entre os candidatos "maiores" e entre os candidatos "maiores", as abstenções e os "sem-opinião".

Fenómeno idêntico se passa em relação a F. do Amaral. Noutros termos, quando o número de não-votantes diminui, os votos destes dois candidatos aumentam mais do que os votos dos restantes. Este facto explica, aliás, a forte correlação positiva entre L. Pintasilgo e F. do Amaral. É fácil imaginar-se, neste ponto, uma população que, partilhando-se entre os dois candidatos, reage de modo semelhante a uma mesma situação (procurando uma alternativa?).

Notar-se-á, em seguida, que a população que se afirma "sem opinião" está em correlação negativa, tanto com L. Pintasilgo como com M. Soares e com F. do Amaral, embora com este último a correlação seja mais fraca (fenómeno idêntico?).

Fundação Cuidar o Futuro

Confirma-se, assim, o facto de que o grupo "sem opinião" é bastante diferente do grupo que afirma "não querer votar", e de que, sem dúvida, aquele grupo é composto de sub-grupos com sensibilidades diversas, capazes de se dirigir para candidatos diferentes!

Em conclusão:



1 - O grupo que se afirma sem opinião quando lhe é deixada a escolha espontânea, não é unívoco: uma parte dos seus membros tomará posição quando lhe fôr apresentada uma lista. Este subgrupo parece (efeito de conformismo?) orientar-se maioritariamente para M. Soares; uma outra fracção dos "sem opinião" continuará a afirmar-se sem opinião, mas parece dividir-se pelo menos entre três tendências: próximos de L. Pintasilgo, próximos de M. Soares e próximos de F. do Amaral.

2 - L. Pintasilgo parece relativamente próxima dos eleitores que se afirmam espontaneamente como apoiantes de Eanes, de F. do Amaral e de M. Amaral, e ainda, dos que se afirmam sem intenção de votar.

3 - M. Soares parece susceptível de agrupar os eleitores de M. Pinto e uma parte dos que se afirmam sem opinião. Poder-se-ia mesmo pensar que este candidato recolha uma parte dos potenciais eleitores de Eanes, de F. Miguel e, evidentemente, de S. Zenha, já que as correlações que apresenta com estes candidatos é positiva (seria no entanto necessário verificar esta hipótese).

4 - O conjunto de fenómenos sintetizado na Figura 4. O eixo horizontal (que exprime 24,8% da variância) opõe os "não-votantes" a L. Pintasilgo, F. do Amaral, M. Amaral, enquanto que M. Soares (próximo de F. Miguel e de S. Zenha) se opõe, sobre o eixo vertical (20,7% da variância) a M. Pinto e aos eleitores "sem opinião".

5 - A estimacção quantitativa baseada nos dados disponíveis, mais desfavorável a L. Pintasilgo, seria:



L. Pintasilgo: eleitores (X) :	20	24	23	19	20	21
M. Soares: " " " :	11	11	12	11	11	13
M. Soares + M. Pinto: " " :	12	13	13	13	14	16
+ 1/2 "sem opinião":	23	22	21	23	24	24
L. Pintasilgo - M. Soares (X):	-3	+2	+2	-4	-4	-3

Ou seja, durante os 6 meses analisados, L. Pintasilgo disporia em média de menos 1,5% de votos do que M. Soares, na pior conjuntura possível para aquela candidata.

6 - Recomendação preliminar: Parece-nos necessário determinar, na sequência deste trabalho, quais as características que definem às subpopulações a) de "não-votantes", b) de votantes por F. do Amaral, c) de votantes por M. Amaral, d) de "sem-opinião".

Fundação Cuidar o Futuro



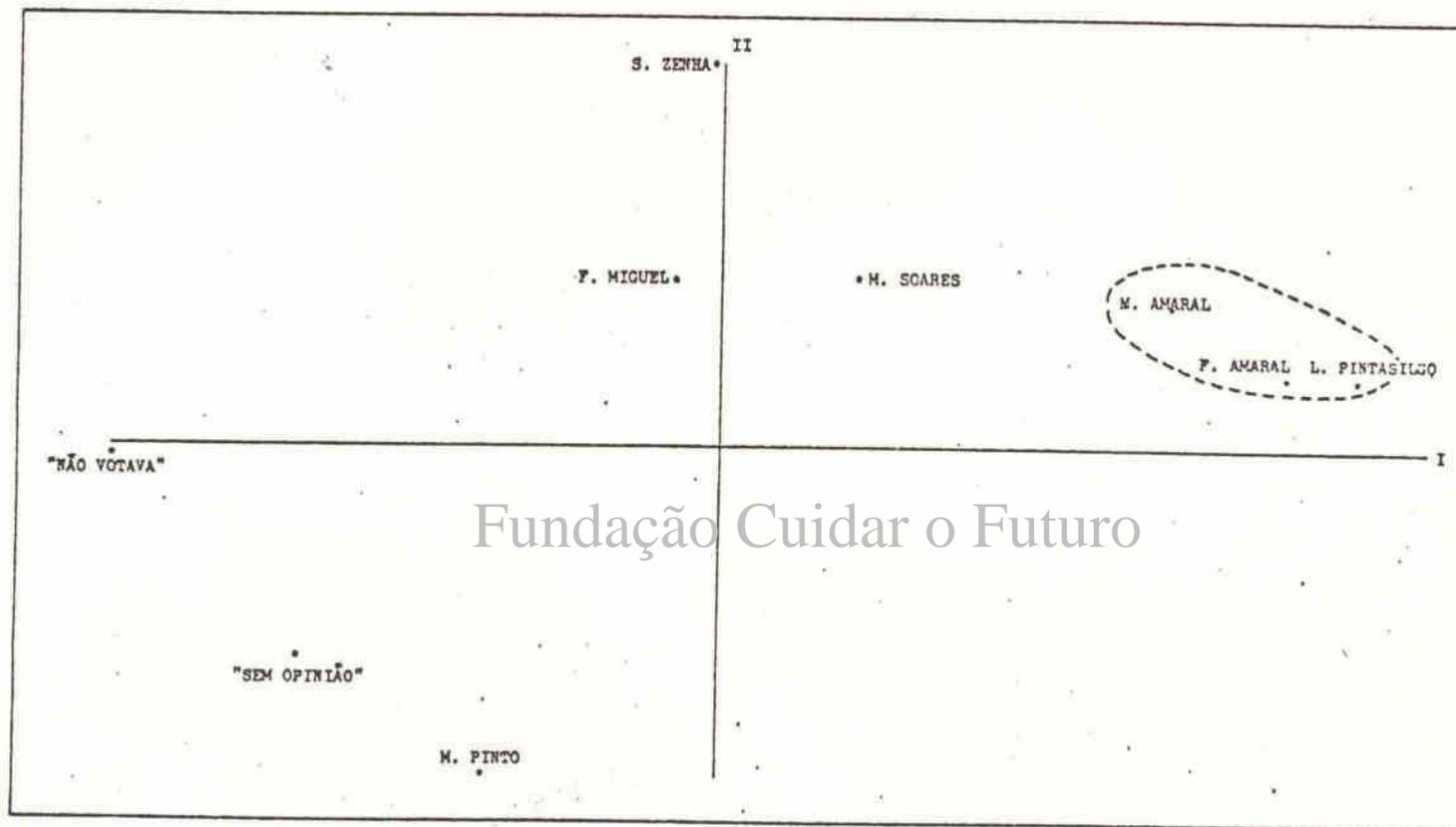


FIGURA 4 - Relações de distância e proximidade entre os "candidatos às presidenciais". Dados da sondagem "Marktest".

IV

AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1985: SONDAJEM "EUROEXPANSÃO"

4.1 O OBJECTO DE ANÁLISE

Tal como foi realizada, a sondagem "Euroexpansão" pretendia medir a popularidade de 8 candidatos em 5 condições (ou cenários) diferentes: 1) presença do "candidato" R. Eanes, 2) apoio de R. Eanes a L. Pintasilgo, 3) apoio de R. Eanes a F. Miguel, 4) apoio de R. Eanes a C. Brás, 5) apoio de R. Eanes a G. dos Santos.

Na realidade, a sondagem em questão ventila as intenções de voto segundo sete parâmetros sucessivos, divididos em 32 modalidades. São considerados:

REGIÕES: 1- Grande Lisboa; 2 - Grande Porto; 3 - Litoral Norte e Centro; 4 - Interior Centro e Sul, num total de 6 regiões;

NÍVEL SOCIAL DOS RESPONDENTES: 1 - Alto/Médio alto; 2 - Médio Superior; 3 - Médio inferior; 4 - Baixo;

IMPORTÂNCIA DEMOGRÁFICA DA ZONA DE RESIDÊNCIA: de menos de 1000 habitantes até mais de 500.000 habitantes;

SEXO DOS RESPONDENTES;

IDADE DOS RESPONDENTES: entre menos de 25 anos e mais de 65 anos;

ESTATUTO FAMILIAR: 1 - chefe de família; 2 - dona-de-casa; 3 - outros;



VOTO NAS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS DE 1983;

Notar-se-á, neste ponto, que os sete parâmetros são redundantes. Com efeito, não nos foi possível reconstituir, a partir dos dados brutos, os quadros que os cruzariam e que, assim, nos forneceriam os efectivos para cada uma das combinações possíveis das 32 modalidades.

Assim, consideramo-los, quer separadamente, quer em simultâneo. Quando os parâmetros são considerados em simultâneo, importa notar que o número total de sujeitos analisados é artificialmente aumentado. Tal facto não tem, no entanto, consequências graves, em função das técnicas de análise que escolhemos.

Para conduzirmos a análise de modo que levasse em conta o máximo possível de diversidade existente nos dados, pareceu-nos oportuno reduzir em certa medida o campo de investigação. Assim, consideramos apenas os cenários mais heterogéneos. Estes, foram comparados entre si de modo global, sendo medidas, cenário por cenário, as distâncias⁹ que separam os diferentes candidatos, todos os parâmetros sendo simultaneamente levados em conta.

Obtivemos, assim, 5 matrizes de "distâncias" (uma para cada cenário) que foram em seguida submetidas à técnica INDSCAL. O plano obtido (stress=.25) não foi examinado, na medida em que se refere a uma informação demasiado condensada. Pelo contrário, o "peso" de cada cenário sobre cada uma das dimensões, permitiu-nos observar que o cenário 1 (R. Eanes participa na competição eleitoral) é extremamente semelhante ao cenário 2 (apoio de R. Eanes a L. Pintasilgo), enquanto que o cenário 5 (apoio de R. Eanes a G. dos Santos) e o cenário 4 (apoio de R. Eanes a C. Brás), por seu lado, se

⁹ O índice de distâncias utilizado é o índice euclidiano clássico:

$$d_{ij} = \frac{1}{n} \sqrt{\sum (d_{ik} - d_{jk})^2}$$



assemelham também.

Foi assim que decidimos prosseguir a análise exclusivamente sobre os cenários mais heterogêneos, ou seja, o CENÁRIO 2, o CENÁRIO 3 e o CENÁRIO 4 (apoio de R. Eanes, respectivamente a L. Pintasilgo, a F. Miguel e a C. Brás). Esta decisão tem a vantagem de aumentar a variabilidade dos fenómenos observados e de permitir, assim, compensar um pouco os erros aleatórios da sondagem.

4.2 AS TENDÊNCIAS GERAIS DA SONDAAGEM

Para obtermos uma panorâmica geral das tendências eleitorais em Outubro-Novembro de 1984, calculámos os scores obtidos pelos diferentes candidatos a partir dos três cenários que retivemos, e isto para os 5 parâmetros cuja maior importância justificaremos mais abaixo (cfr. Quadro 12).

A variabilidade das médias obtidas para cada parâmetro é devida às imprecisões naturais das sondagens deste tipo. Não é impossível, com efeito, que certos respondentes não tenham podido ser ventilados numa ou noutra categoria.



	A.J.J.	C.B.	F.M.	L.S.	L.P.	M.S.	M.A.	P.B.	ABST.
PARTIDOS	5.31	0.73	5.06	0.00	26.54	9.15	7.91	5.65	38.23
ESTATUTO	7.19	0.73	6.15	0.00	21.28	9.84	10.93	4.77	39.10
REGIÕES	4.63	0.87	4.37	0.00	25.02	11.41	8.96	5.17	39.54
AGR.HAB.	4.82	1.14	4.66	0.00	29.18	11.04	9.16	4.09	35.86
IDADE	4.56	.91	4.71	0.00	24.97	10.92	8.91	5.28	39.71
Média	5.30	0.88	4.99	----	25.40	10.47	9.17	4.99	38.49
Sigma	1.10	0.17	0.69	----	2.87	.94	1.10	.59	1.58

QUADRO 12 - Scores dos candidatos nos cenários 2,3, e 4, para os 5 parâmetros mais discriminativos.

Independentemente desse facto, estes scores fornecem-nos uma ordenação dos candidatos, e a ordem de grandeza que os separa. É provável, aliás, que o score real do candidato se encontre compreendido na "fourchette" considerada supra (embora não disponhamos de informação probativa sob este facto). Lembremo-nos, em todo o caso, que esse score pode flutuar entre o seu valor máximo e o seu valor mínimo.

Nota-se imediatamente que duas forças políticas emergem: os abstencionistas e L. Pintasilgo. Seguem-se-lhes M. Soares e M. Amaral a cerca de 10 pontos de diferença de L. Pintasilgo, e, por fim, A. Jardim, F. Miguel e P. Balsemão, que obtêm em média 5% dos votos.⁹ C. Brás e L. Santos caracterizam-se pela sua ausência em relação à competição.

No final da análise, tentaremos avaliar o modo como se poderão efectuar as transferências de votos e, logo, quais serão as possibilidades de cada um dos candidatos.

⁹ Os scores obtidos confirmam as tendências que emergiram na análise precedente, nas sondagens de Maio a Setembro de 1984.



4.3 O "EFEITO PINTASILGO"

Definimos acima aquilo que designamos por "efeito Eanes". O "efeito Eanes" não pode mascarar um efeito que lhe é comparável: o impacto de L. Pintasilgo sobre o eleitorado. L. Pintasilgo, não só obtém o melhor score das intenções de voto, como também provoca uma polarização dos votos.

Como primeira aproximação a este fenómeno, notemos que L. Pintasilgo está em correlação negativa com todos os outros candidatos e também com o abstencionismo. É o que mostra o Quadro 13, que apresenta as correlações médias calculadas a partir dos 3 cenários sobre as 32 classes de parâmetros.

	A.J.J.	C.B.	F.M.	L.P.	M.S.	M.A.	P.B.
C.B.	-.21						
F.M.	.49*	.15					
L.P.	-.29	-.10	-.06				
M.S.	-.26	.23	-.37*	-.24			
M.A.	.54*	-.13	.32	-.57*	.07		
P.B.	.07	.14	-.01	-.55*	.13	.50*	
ABST.	-.14	.03	-.26	-.60*	-.15	-.04	.08

QUADRO 13 - Correlações médias entre os candidatos a partir dos 3 cenários (* - $p=.05$).

Notar-se-á, para além disso, que essas correlações são das mais significativas do Quadro (os valores sublinhados são significativos ao nível de $p=.05$), e particularmente no que diz respeito à sua oposição em relação aos abstencionistas (oposição aliás, que fizemos notar anteriormente), a M. Amaral e a P. Balsemão. Os restantes elementos do Quadro 13 serão examinados mais adiante.

Um segundo argumento a favor da ideia de polarização, reside no facto de que L. Pintasilgo parece dispôr de um eleitorado específico independente do



apoio de R. Eanes, o que não é o caso dos candidatos considerados nos outros cenários, C. Brás e F. Miguel. É o que mostra o Quadro 14.

	A.J.J.	C.B.	F.M.	L.P.	M.S.	M.A.	P.B.	ABST
CENÁRIOS 2 e 3	.81	.82	.70	.97	.97	.95	.95	.96
CENÁRIOS 2 e 4	.91	-.06	.97	.97	.96	.95	.93	.95
CENÁRIOS 3 e 4	.83	.34	.67	1.00	.99	.98	.99	.99

QUADRO 14 - Correlações entre os scores de cada candidato nos três cenários.

Observa-se nesse Quadro que as correlações entre os scores de cada candidato nos três cenários são extremamente elevadas. Esse facto denota uma estabilidade muito considerável nas intenções de voto através dos cenários. O mesmo não acontece, no entanto, para C. Brás e F. Miguel que vêm modificar-se profundamente o perfil dos seus respectivos eleitorados. A principal componente do eleitorado destes dois candidatos provém de pessoas que agem em função do apoio dado por R. Eanes. Pelo contrário, L. Pintasilgo obtém scores perfeitamente estáveis entre um e outro cenário. Ela dispõe de um eleitorado específico.

Um último argumento: o eleitorado de L. Pintasilgo não é constituído por representantes de todas as camadas da população como o demonstraremos mais adiante. Contrariamente, por exemplo, a M. Soares que parece poder contar com aderentes de todos os tipos, L. Pintasilgo tem o apoio de certas categorias de pessoas e encontra-se em "défice" em relação a outras categorias.

Tudo o que acabamos de afirmar se encontra resumido na análise factorial em componentes principais que apresentamos seguidamente. Os resultados dessa



análise foram obtidos através do cálculo das correlações entre as intenções de voto em relação ao total dos candidatos e ao abstencionismo, segundo os três cenários considerados. As 32 classes de parâmetros são igualmente tomadas em consideração.

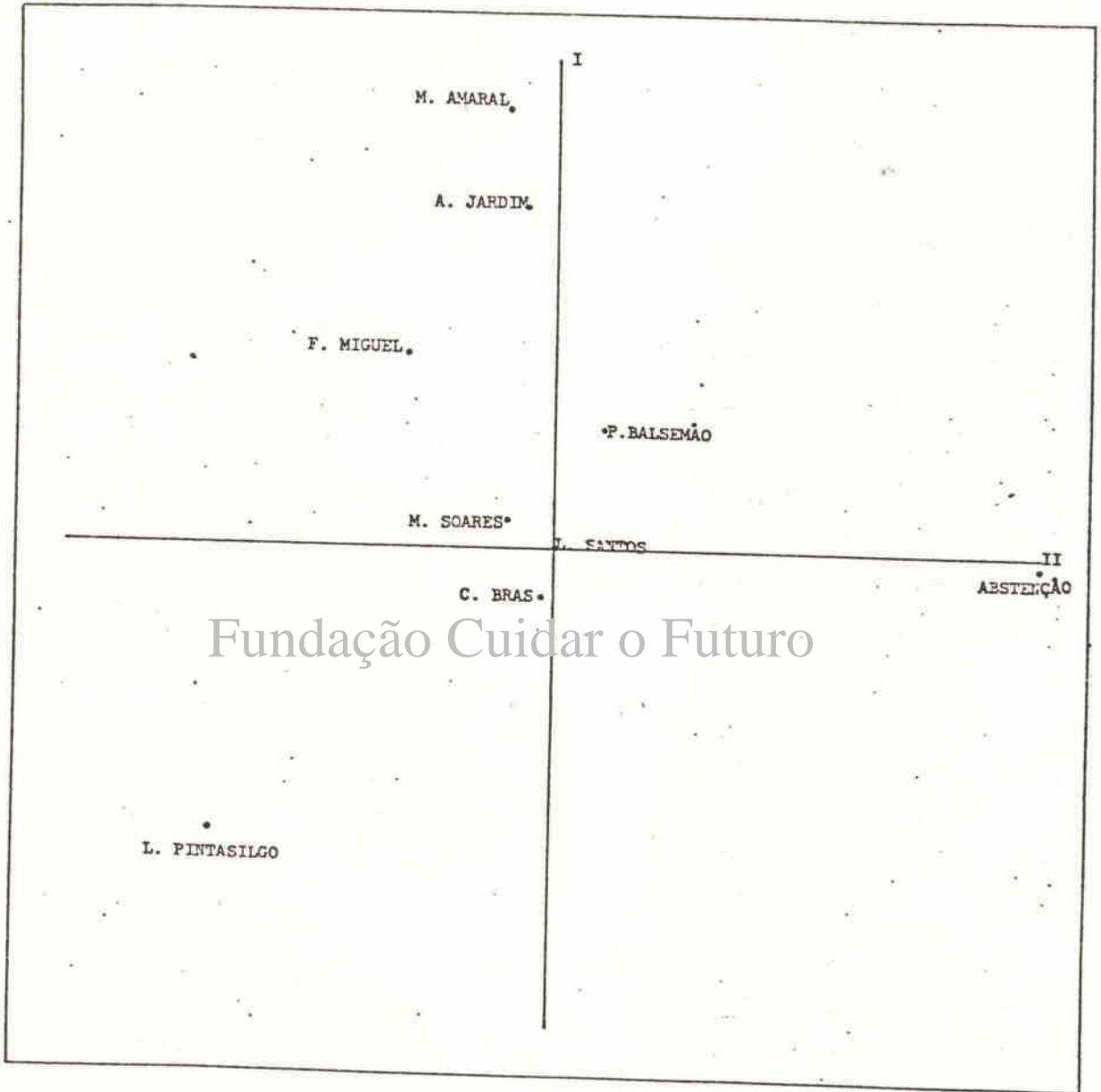
Embora sejam necessários 6 factores para explicar 90% da variância total, os 3 primeiros factores são suficientes para exprimir 60%, o que para os nossos objectivos é suficiente. Após rotação VARIMAX, pudemos evidenciar o padrão seguinte:

Observar-se-á em primeiro lugar que o espaço definido pelos dois factores NÃO É determinado pelos cenários (de outro modo, os eixos deveriam opôr os cenários, e tal não acontece), mas sim pelos CANDIDATOS. Tal facto não tem, no entanto, nada de excepcional. Mais surpreendentes são as relações recíprocas de união ou de oposição entre os candidatos!

O primeiro factor (eixo vertical) opõe claramente os candidatos "menores" a L. Pintasilgo: no sentido descendente, M. Amaral, A. Jardim, F. Miguel, P. Balsemao, M. Soares, Abstenção, C. Brito, L. Pintasilgo. Poderemos excluir a hipótese de que se trata de uma oposição entre candidatos com scores elevados e candidatos com scores baixos, uma vez que M. Soares e as abstenções não se situam do lado negativo do eixo. Para além disso, como se verá, M. Amaral, A. Jardim e F. Miguel possuem um eleitorado comum, descrito como de Estatuto ALTO e MÉDIOALTO, enquanto que a L. Pintasilgo, corresponde um eleitorado descrito em termos de pertença política: os que se declaram favoráveis à APU.

O segundo factor (eixo horizontal) opõe, por seu lado, os abstencionistas a L. Pintasilgo, enquanto que todos os outros candidatos se situam no ponto





Fundação Cuidar o Futuro

FIGURA 5 - Relações de distância e de proximidade entre os "candidatos às presidenciais". Dados da sondagem "Euroexpansão" de Novembro de 1984.



zero do eixo. Este facto será devido, por um lado a que L. Pintasilgo é apoiada principalmente pelo eleitorado APU (que, como vimos na primeira parte deste trabalho, não é, em absoluto, um eleitorado abstencionista), e por outro, pelo facto de L. Pintasilgo não recolher os votos de classe social de estatuto BAIXO (consideravelmente abstencionista).

4.4 AS AFINIDADES POPULAÇÃO-CANDIDATOS

Não deixa de ser interessante definir com algum detalhe as pessoas que se declaram a favor de um ou de outro candidato. Dispomos, para o fazer, de sete características sócio-económicas.

Propomo-nos então, examinar quais são as características mais predictivas das escolhas eleitorais, e para que candidatos se inclinam os públicos considerados.

Esta análise foi efectuada parâmetro por parâmetro considerando-se de cada vez os três cenários retidos.¹⁰

Fundação Cuidar o Futuro

4.4.1 Os partidos políticos

Trata-se do parâmetro mais notório, na medida em que a indicação do voto efectivo em 1983 é extremamente predictiva do candidato escolhido na sondagem (cfr. Quadro 15).

¹⁰ A técnica utilizada é simples. Ela consiste em medir, através de uma fórmula aparentada à estatística do Qui-quadrado, a quantidade de informação do conjunto da matriz, contida em cada célula. Noutros termos, a contribuição de cada célula da matriz para a informação total contida nessa matriz. Na medida em que as frequências observadas correspondem às frequências esperadas, a célula não traz qualquer informação à matriz. No caso contrário, encontrar-nos-emos em presença de uma "informação" significativa.



O aspecto mais saliente da distribuição observada é o apoio massivo dos eleitores da APU a L. Pintasilgo.

Notaremos imediatamente que, dos 78% de eleitores APU que apoiam L. Pintasilgo se R. Eanes a apoiar, 64% se lhe mantêm fiéis independentemente deste apoio. O impacte de Eanes sobre os eleitores APU parece, assim, restrito,

Fundação Cuidar o Futuro



		A.J.J.	C.B.	F.M.	L.S.	L.P.	M.S.	M.A.	P.B.	ABST
CEN.2	APU	26	0	49	0	782	0	26	24	93
	PS	16	7	14	0	336	265	54	30	278
	PSD	86	0	59	0	151	66	200	144	294
	CDS	72	0	51	0	92	64	126	108	487
	ABST	26	0	20	0	207	38	57	11	641
CEN.3	APU	26	0	106	0	644	0	39	10	174
	PS	23	7	46	0	231	282	56	30	326
	PSD	79	0	128	0	76	80	197	131	310
	CDS	129	0	51	0	88	64	126	73	469
	ABST	31	2	50	0	144	33	53	17	670
CEN.4	APU	55	25	49	0	644	0	26	10	192
	PS	16	26	8	0	237	275	62	33	342
	PSD	91	19	55	0	101	76	192	140	327
	CDS	94	0	51	0	92	99	126	73	464
	ABST	27	23	22	5	156	30	57	13	668

QUADRO 15 - Medida da "informação" fornecida pelo cruzamento dos candidatos e dos cenários em função do parâmetro "partidos".

já que apenas 6% destes eleitores o seguem quando ele apoia F. Miguel, e só 2,5% o seguem quando apoia C. Brás. Na realidade, nestas duas últimas eventualidades, os eleitores APU preferem passar à abstenção (cfr. Quadro 16). Pelo contrário, o apoio de R. Eanes a L. Pintasilgo influencia 10% dos eleitores do PS, que não se transferem inteiramente para F. Miguel ou C. Brás em caso de apoio presidencial, nem para M. Soares!

O impacto de R. Eanes sobre os eleitores centristas ou abstencionistas, equivale, por seu turno a cerca de 5%.

O apoio dos eleitores APU a L. Pintasilgo não varia significativamente em função dos cenários. Fenómeno igualmente notório, mas menos surpreendente é a correspondência específica encontrada entre os eleitores do PS (1983) e a opção M. Soares, ou ainda a relação entre os eleitores PSD e as opções P. Balsemão, M. Amaral, ou mesmo a correspondência entre o facto de se ter absterido nas eleições de 1983 e a abstenção para as presidenciais.



Último fenómeno digno de relevo: a fraca audiência de L. Pintasilgo junto dos eleitores do PSD/CDS em 1983! ESTE "DÉFICE" É SUFICIENTEMENTE FORTE PARA SER CONSIDERADO COMO SIGNIFICATIVO.

4.4.2 O estatuto social

O segundo parâmetro (embora menos importante do que a escolha eleitoral em 1983) é também predictivo das intenções de voto para as presidenciais.

Três fenómenos emergem (cfr. Quadro 16):

1 - a escolha formulada pelos respondentes classificados como de estatuto ALTO-MÉDIO ALTO, dirige-se para três candidatos "menores" (A. Jardim, F. Miguel e M. Amaral) em detrimento de L. Pintasilgo;

2 - o apoio das camadas sociais médias (MÉDIO SUPERIOR e MÉDIO INFERIOR) a L. Pintasilgo (em detrimento, sobretudo, de F. Miguel e A. Jardim);

3 - a tendência do grupo BAIXO para o abstencionismo e para evitar L. Pintasilgo, sobretudo nos dois cenários em que não é apoiada por Eanes.

As outras repartições não diferem suficientemente de uma distribuição proporcional ao peso total dos candidatos, e logo, não merecem destaque particular. Noutros termos, uma tal distribuição significa que o eleitorado desses candidatos se reparte em todo o conjunto das categorias sociais.



		A.J.J.	C.B.	F.M.	L.S.	L.P.	M.S.	M.A.	P.B.	ABST
CEN. 2	ALTO	138	0	117	0	138	82	193	32	300
	M/SUP	47	0	15	0	371	117	79	31	340
	M/INF	21	2	30	0	316	114	286	61	371
	BAIXO	82	9	51	0	219	63	69	81	426
CEN. 3	ALTO	106	0	135	0	100	95	212	32	319
	M/SUP	38	0	43	0	279	119	82	30	409
	M/INF	39	2	74	0	234	120	86	53	392
	BAIXO	182	10	100	0	131	74	63	64	477
CEN. 4	ALTO	38	0	85	0	100	95	212	32	337
	M/SUP	41	24	13	0	276	115	79	39	414
	M/INF	32	23	31	2	250	124	87	53	398
	BAIXO	99	18	44	1	139	63	63	64	508

QUADRO 16 - Medida da "informação" fornecida pelo cruzamento dos candidatos e dos cenários em função do parâmetro "estatuto".

4.4.3 Idade dos respondentes, região e tipo de agregado habitacional

Estes três parâmetros revelam-se pouco predictivos e, por essa razão, serão tratados de modo sumário.¹¹

Em relação à idade, o fenómeno mais relevante respeita às pessoas de entre 35 e 44 anos. Podemos observar que elas constituem o eleitorado privilegiado de F. Miguel e de L. Pintasilgo ao mesmo tempo que tendem a evitar P. Balsemão. A semelhança entre L. Pintasilgo e F. Miguel não vai além desse facto. Com efeito, L. Pintasilgo encontra uma parte significativa do seu público igualmente entre as pessoas de 25-34 anos, que se afastam de

¹¹ Não nos debruçaremos aqui sobre um eventual efeito do sexo dos respondentes. Com efeito, a distribuição dos votos femininos e masculinos através dos diferentes candidatos, opera-se de modo praticamente proporcional. Na realidade, só é perceptível um efeito dessa variável no caso de F. Miguel, cujo número de votos masculinos é duplo do número de votos femininos. As mulheres são, também, maioritárias no que respeita às abstenções.



F. Miguel. Este, encontra um apoio mais estável por parte do grupo etário entre 55 e 64 anos que, quanto a eles, tendem a evitar L. Pintasilgo.

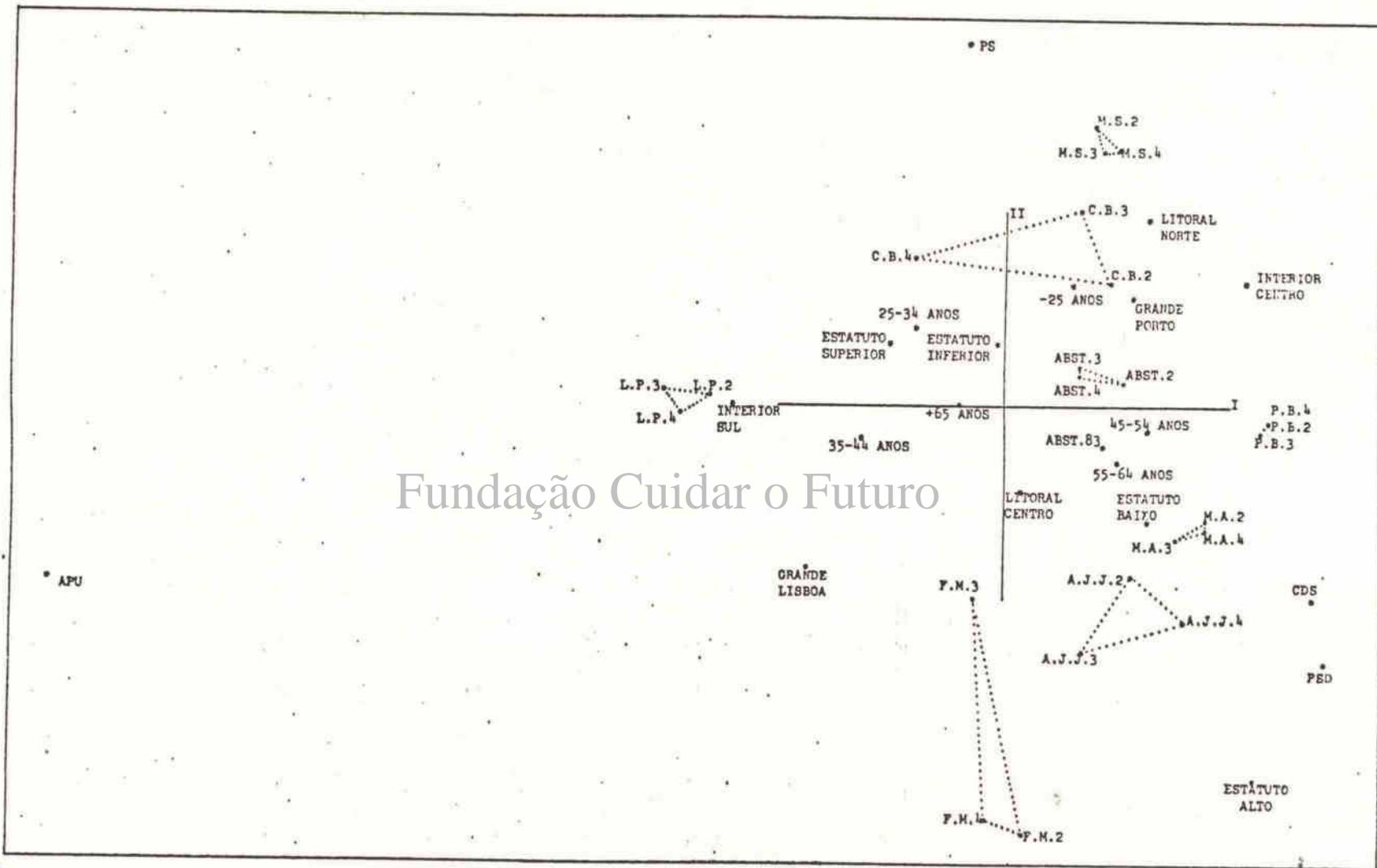
Sublinhemos por fim que M. Soares obtém um máximo de popularidade (e isso, independentemente do cenário considerado) junto do público de menos de 25 anos!

No que respeita às regiões, as intenções de voto são relativamente homogéneas. Poderemos, contudo, constatar que

1 - o eleitorado de L. Pintasilgo provém essencialmente da região de Lisboa e do Sul Interior. Este facto não é surpreendente, dado que ela conta com o apoio do eleitorado APU, localizado maioritariamente nessas duas regiões (cfr. Figura 1). L. Pintasilgo tem, pelo contrário, um "défice" significativo na região do Centro Interior (que apoia P. Balsemão!) e, em alguns cenários, também na região do Porto (se R. Eanes apoiar C. Bras) e no Norte Litoral (se R. Eanes apoiar F. Miguel). Notemos que estes "défices", e fundamentalmente o primeiro, poderiam eventualmente ser diminuídos se fôsse prestada atenção, por parte de L. Pintasilgo, à população abstencionista que se encontra nas regiões do Norte Litoral e do Centro Interior, que não parece ser negligenciável (cfr. Figuras 1 e 2);

2 - Inversamente, pode constatar-se que M. Soares é apoiado principalmente pelo eleitorado da região do Porto e do Norte Litoral. Ele encontra-se enfraquecido no Sul Interior, no Centro Litoral e, no caso de R. Eanes apoiar L. Pintasilgo, também na região de Lisboa;





Fundação Cuidar o Futuro

FIGURA 6 - Relações entre os "candidatos às presidenciais", os cenários 2, 3 e 4, e, os 32 parâmetros mais discriminativos. Dados da sondagem "Euroexpansão" de Novembro de 1984.



3 - Último elemento: o Centro Litoral é a única região que jamais privilegia de forma significativa nenhum dos candidatos, nem mesmo as abstenções.

4.4.3.1 A importância demográfica da zona de residência

Também aqui a repartição dos votos não revela fenómenos particularmente interessantes. O único digno de nota é o facto de que L. Pintasilgo encontra apoio maioritário nos agregados de mais de 500.000 habitantes, e de se encontrar em "défice" nas localidades de menos de 1.000 habitantes, que se definem fundamentalmente em favor do abstencionismo ou de P. Balsemão.

Nenhum outro fenómeno particular é perceptível, restando-nos apenas notar a estabilidade das estruturas de relações entre os diferentes parâmetros respeitantes às intenções de voto para as presidenciais e os votos para as várias eleições legislativas analisados na primeira parte do estudo.

Fundação Cuidar o Futuro

4.5 UMA BREVE SÍNTESE DOS RESULTADOS

Para podermos resumir convenientemente os elementos observados (a matriz de intenções de voto segundo os três cenários X 32 classes de parâmetros) submetêmo-la à análise de correspondências.¹²

Dum ponto de vista técnico, devemos assinalar que consideraremos apenas os dois primeiros factores que, por si sós, explicam 63% da variabilidade total da matriz (cfr. Figura 6) e, sobretudo, explicam, por si sós, 97% da

¹² Tal como já o fizéramos, utilizamos esta análise com o fim único de descrição, na medida em que a informação contida na matriz é perfeitamente redundante quer ao nível dos parâmetros considerados (linhas), quer ao nível dos cenários (colunas).



variância dos resultados de L. Pintasilgo e 80% da variância dos resultados de M. Soares!

O primeiro factor (que dá conta de 43% da variabilidade total da matriz) exprime a heterogeneidade dos eleitores APU (1983) em relação às outras pessoas interrogadas. Eles diferenciam-se sobretudo dos eleitores PSD (1983). Tal como o sabemos agora, os eleitores APU (1983) apoiam L. Pintasilgo e são os menos abstencionistas.

Quanto ao segundo factor (20% da variância total), ele é determinado pelo parâmetro "estatuto social". Vê-se, em relação a este factor, que a população classificada como ALTOMÉDIO ALTO é a mais heterogénea: aproxima-se do PSD e do CDS e, também, dos candidatos F. Miguel e A. Jardim!

Notemos igualmente que os "abstencionistas" estão mal situados sobre estes dois factores. Na realidade, o exame das correlações de cada "candidato" com os factores mostra que o primeiro factor explica cerca de 30% da variância das intenções de voto dos abstencionistas e que os 70% restantes são explicados pelo terceiro factor que opõe todos os candidatos (por ordem: M. Soares, C. Bras, M. Amaral, A. Jardim, F. Miguel e L. Pintasilgo) aos abstencionistas.

Não deixa de ser interessante, agora, de nos referenciarmos à Figura 1 e de compararmos o espaço aí obtido (realizado a partir dos resultados eleitorais de 1975-1983 nas eleições legislativas) com o espaço que examinamos neste momento. Para tal, basta rodarmos uma das duas figuras sobre o eixo horizontal.



Constataremos imediatamente que ambas as figuras podem, praticamente, ser sobrepostas. O que ressalta dessa sobreposição é que Pintasilgo OCUPA O ESPAÇO QUE, NA FIGURA 1 HAVÍAMOS DEFINIDO COMO O DE UM "VECTOR POLÍTICO HIPOTÉTICO" (V.P.H.), CORRESPONDENTE A UMA ZONA POLÍTICA NÃO PREENCHIDA!! Neste sentido, julgamos que também a Figura 3 permite compreender, com base noutros parâmetros, o posicionamento de um tal "vector".

Não é, por certo, muito surpreendente que o espaço obtido seja semelhante nos dois casos. Com efeito, e como já o dissemos, o parâmetro "voto nas últimas eleições legislativas", da sondagem "Euroexpansão" é o parâmetro mais poderoso de todos os que foram considerados. Consequentemente, não é de estranhar que seja esse parâmetro o que determina o espaço factorial. Pelo contrário, nada permitiria prever o posicionamento de L. Pintasilgo nesse espaço. Tal facto significa que L. Pintasilgo se posicionou de forma intuitiva e espontânea no espaço sócio-político "vazio" que assinalamos na Figura 1. A percentagem de intenções de voto recolhida pela candidata prova que existe nesse espaço, um público pronto a responder à iniciativa. Tentemos, então sintetizar o perfil desse público.

4.5.1 O eleitorado de L. Pintasilgo

Como o disseramos já, L. Pintasilgo pode contar com o voto dos eleitores APU. Em média, sobre os três cenários, 69% dos eleitores APU apoiam-na. No entanto, a percentagem de eleitores PS e, com menor importância, de abstencionistas que se declaram a seu favor não é negligenciável. Por fim, a



audiência de L. Pintasilgo entre os eleitores PSD e CDS é ainda de aproximadamente 10%... O impacto do apoio de R. Eanes a L. Pintasilgo traduzir-se-ia por um ganho eventual de 14% dos votos APU, de 10% dos votos PS, de 5% dos votos PSD e abstencionistas, e seria nulo em relação aos eleitores do CDS. Noutros termos, o apoio de Eanes a L. Pintasilgo forneceria-lhe-ia em média 8% dos votos da população total sobre o seu eleitorado específico!

Traduzido em termos de características sócio-económicas, este eleitorado é composto de populações classificadas essencialmente como "médias" (e, principalmente, "médias superiores"). O apoio presidencial seria frutuoso sobretudo ao nível das populações classificadas como "baixas" (ganho de 7% dos votos), que, de outro modo, se dispersariam por diferentes candidatos (se o apoio fôsse dado a F. Miguel) ou se refugiariam no abstencionismo (se fôsse dado apoio a C. Brás).

Não ficaremos então surpreendidos com o facto de que este eleitorado é composto principalmente por pessoas com idades compreendidas entre os 35 e os 44 anos. É talvez a este nível que o apoio presidencial é mais eficaz para L. Pintasilgo, já que a escolha dos eleitores de 25-34 anos passa de 27% para 37%, o dos de 55-64 anos, de 14 a 24%, embora os de mais de 65 anos continuem reticentes na escolha dessa candidata.

Quanto às regiões de origem deste eleitorado, assinalámos já que ele provém principalmente do Sul interior e da região de Lisboa.

Tentemos determinar em que medida as flutuações de votos são possíveis e quais as estratégias necessárias para que tivessem lugar.



4.5.2 Os cenários

A análise dos cenários susceptíveis de fornecer maior informação no que respeita às previsões dos resultados para as próximas presidenciais revela três fenómenos maiores:

1 - L. Pintasilgo (e a fortiori os outros candidatos não-apoiados pelo presidente) revelam-se relativamente independentes desse apoio. Tal não é o caso para F. Miguel e C. Brás que não parecem possuir um eleitorado específico.

2 - O apoio presidencial é particularmente eficaz no que respeita às populações dificilmente acessíveis a L. Pintasilgo: atrai para L. Pintasilgo 14% dos eleitores APU, 10% dos eleitores PS, 5% dos abstencionistas e votantes no PSD e, sobretudo, influencia os indivíduos jovens ou de mais de 50 anos, principalmente das camadas baixas da população.

3 - O apoio de Eanes a C. Brás, L. Santos, F. Miguel, M. Amaral e A. Jardim seria insuficiente para que estes tivessem qualquer possibilidade de participar na corrida à presidência.



4.5.3 Os candidatos

O jogo das intenções de voto pode ser caracterizado em três pontos: a) cerca de 30% dos interrogados afirmam-se abstencionistas; b) 40% dos votos são partilhados entre 3 candidatos; c) 30% dos votos se dispersam-se pelos candidatos "menores".

Segue-se que é impossível no estado actual dos dados, que qualquer dos candidatos se pretenda só à vitória, o que implica, por um lado, que se trata de avaliar as probabilidades de transferência de votos de um candidato para outro e, por outro, que é necessário avaliar cuidadosamente as estratégias de abordagem dos diferentes eleitorados.

Parece evidente que a presente sondagem não traz qualquer resposta peremptória a estas questões. Sugerimos desde já que as próximas se orientem nesta lógica. Voltaremos a este assunto. Tracemos antes disso algumas pistas de reflexão:

Fundação Cuidar o Futuro

1 - parece improvável que L. Pintasilgo possa prescindir do apoio de R. Eanes. Tal facto teria como consequência fazer-lhe perder um eleitorado considerável;

2 - os eleitores considerados na presente sondagem sob a categoria "abstencionismo" não constituem (como aliás não parecem ter constituído desde 1975) um grupo homogéneo. Certas pessoas podem ser consideradas como "abstencionistas reais" (aqueles que traduzem eventualmente pela abstenção a sua opinião política, sem dúvida desiludida, mas nem por isso menos real). Outros índices podem deixar



supôr, dariam o seu voto a L. Pintasilgo, F. do Amaral e M. Amaral (cfr. resultados da sondagem Marktest). Um outro grupo poderá ser constituído de pessoas "sem opinião" (tradicionalismo, conformismo?) e uma parte desse grupo poderia voltar-se para L. Pintasilgo, enquanto que outra escolheria M. Soares!

3 - Se transformarmos os coeficientes de correlação em percentagens de variância comum (elevando-os ao quadrado), somos levados a pensar que o eleitorado abstencionista e o eleitorado de L. Pintasilgo são os mais mesclados (excepto no que se refere aos eleitores da APU). Vêm em seguida os eleitorados de L. Pintasilgo e de M. Amaral, depois os de L. Pintasilgo e de P. Balsemão, os de M. Amaral e de A. Jardim, os de P. Balsemão e de M. Amaral e, enfim, os de F. Miguel de de A. Jardim. Pelo contrário, o eleitorado de M. Soares parece largamente independente de todos os outros, excepto (em apenas 10% do de F. Miguel). É certo que a interpretação da percentagem de variância comum é difícil no nosso caso. Não iremos, assim, muito longe no exame dos nossos dados. Sublinharemos apenas os laços que parecem existir entre os eleitorados de L. Pintasilgo e os abstencionistas, por um lado, e de L. Pintasilgo e de M. Amaral, por outro;

4 - assim, nada permite afirmar que quem se pronunciou por M. Amaral votaria por M. Soares e reciprocamente. Os eleitorados dos dois candidatos parecem independentes e dispõem de perfis diferentes. Pelo contrário, L. Pintasilgo e M. Amaral estão correlacionados negativamente no sondagem Euroexpansão, o que leva a pensar num



fenómeno de "vasos comunicantes", e positivamente nas sondagens mês a mês da Marktest, o que deixa supor que os seus públicos têm, em certa medida, uma sensibilidade política idêntica;

5 - no estado actual dos dados, parece-nos arriscado tentar agrupamentos de números. Tal agrupamento apenas poderia ser efectuado sem grande perigo se dispuséssemos de dados complementares sobre os diferentes eleitorados. Não julgamos, todavia, avançar demasiado se afirmarmos que as transferências de votos se efectuariam mais facilmente sobre M. Amaral do que sobre M. Soares (o que não implica que não existam transferências sobre M. Soares!!), o que daria os resultados seguintes:

L. Pintasilgo.....	25%
M. Soares.....	10%
M. Amaral + A. Jardim + P. Balsemão....	19%

Os eleitores de F. Miguel partilhar-se-iam sem dúvida, a cerca de 50% para M. Soares e os restantes 50% para M. Amaral. Daí resultaria que M. Amaral poderia representar um candidato mais sério do que M. Soares. Não deveremos esquecer, no entanto, a importância dos eleitores abstencionistas (38%), uma parte dos quais poderia decidir-se a favor de um ou de outro candidato.



4.6 AS ESTRATÉGIAS ELEITORAIS

Encontramo-nos mal colocados para definir, a partir do tipo de dados analisados, uma abordagem do público eleitoral. Algumas observações poderão, no entanto ser sublinhadas.

1 - Parece ser evidente, se retivermos como hipótese que L. Pintasilgo, M. Soares e M. Amaral são os candidatos melhor colocados na competição para a presidência, que para além do jogo de alianças e das transferências de votos já assinaladas, a estratégia mais eficaz seria a de procurar obter apoio junto do eleitorado que representa o grupo abstencionista.

No entanto essa estratégia não é simples. Por definição, o abstencionismo pode corresponder a, no mínimo, duas atitudes: não possuir opinião, ou, estar em conflito com as alternativas propostas. Esta última hipótese seria, evidentemente, a mais favorável a uma acção que visasse a mudança de atitude. Tal iniciativa só pode ser posta em prática uma vez que se conheça com precisão a extensão do conflito evocado e, sobretudo, as problemáticas que nele são postas em jogo (desilusão em relação às instituições, em relação às iniciativas políticas, pessimismo generalizado, etc...). Por definição, este tipo de eleitores é pouco conhecido (já que não participa no debate político institucionalizado). Seria desejável que as próximas sondagens se debruçassem um pouco mais sobre este problema.



2 - Um outro procedimento possível para os candidatos seria de tentarem alargar os seus respectivos eleitorados às franjas eleitorais vizinhas.

Para M. Soares, tal estratégia significaria um movimento para a direita, na medida em que parece pouco provável que o eleitorado de L. Pintasilgo seja sensível às suas solicitações. Para M. Amaral, seria necessário contar com uma parte do eleitorado PS. EM AMBOS OS CASOS, A ESTRATÉGIA PODE SER REALIZÁVEL ATRAVÉS DO DISTANCIAMENTO MANIFESTO EM RELAÇÃO A L. PINTASILGO, ou seja, apostando na polarização (colocando, aos olhos do público, L. Pintasilgo nos braços da APU), e estabelecendo acordos pré-eleitorais. A amplitude possível do fenómeno no estado actual das coisas é dificilmente previsível. Poderíamos, mesmo assim, apostar no facto de que tal estratégia seria rentável aos concorrentes de L. Pintasilgo, quanto mais não fôsse em relação ao eleitorado flutuante que representa uma fracção importante do seu público.

Fundação Cuidar o Futuro

3 - Por sua vez, seria importante para L. Pintasilgo de não incorrer no erro de polarização, a menos que desejasse colocar M. Soares em competição com M. Amaral (ou com qualquer outro candidato à direita de Soares)! Expliquemos esta idéia.

Na realidade, encontramos-nos em presença de uma situação triangular, em que cada vértice possui características específicas e características comuns. A cada um desses caracteres corresponde um eleitorado. Então, trata-se de fazer diminuir a distância entre si próprio e as características comuns do eleitorado que se deseja



conquistar, mantendo, porém, a distância em relação aos adversários que se deseja afastar... Concretamente, tratar-se-ia de explorar as características comuns aos eleitorados de L. Pintasilgo e de M. Amaral (talvez a rejeição das práticas partidárias já tradicionais em Portugal? Seria possível verificar essa hipótese.) Essa estratégia poderia aumentar a distância entre M. Soares e M. Amaral e evitar, assim, transferências de voto. Ao mesmo tempo, tratar-se-ia de colocar em jogo a sensibilidade de esquerda, o que poderia agregar uma parte do eleitorado de M. Soares e o de L. Pintasilgo. Seja como fôr, parece conveniente para L. Pintasilgo, obter o apoio de R. Eanes, que poderia contribuir igualmente para aumentar (pelas mesmas razões) a distância M. Soares - M. Amaral.

4 - Tendo apresentado a nossa perspectiva a um nível geral, importa juntar que, uma parte não-negligenciável da estratégia escolhida deverá centrar-se sobre os públicos em que cada candidato está em "défice". Será fácil, então, descobrir, nas análises que eventualmente se seguirão, os públicos-alvo a considerar.

4.7 SUGESTÕES PARA A PRÓXIMA SONDAÇÃO

Como conclusão, sugerimos que a próxima sondagem se debruce especificamente sobre as características do eleitorado abstencionista assim como sobre as probabilidades de transferência de votos na eventualidade de um segundo escrutínio.

Concretamente, propomos:¹³



a - que seja apresentada aos respondentes uma lista composta pelos CANDIDATOS COM MELHORES HIPÓTESES DE VITÓRIA e que lhes seja pedido que optem por um deles ou ainda pela abstenção ou pela não-opinião;

b - que seja anotada, em seguida, a resposta espontânea dos entrevistados à questão de saber quais são as três coisas que, em sua opinião, correm melhor e as três coisas que correm pior em Portugal;

c - que seja, em terceiro lugar, colocada a questão sobre qual seria a intenção de voto do respondente se, numa segunda volta, R. Eanes apoiasse L. Pintasilgo e que ela concorresse: 1) contra M. Soares; 2) contra M. Amaral.¹⁴

d - determinar, enfim, qual é, para o público, a qualidade e o defeito principal de cada candidato. Atenção, não se trata de questionar as pessoas sobre o que levaria tal ou tal candidato a ser um bom ou um mau presidente! As características atribuídas pelo público devem ser independentes da função presidencial. Trata-se aqui simplesmente de obter um stock de informações que poderão ser usadas em sondagens posteriores, em que seriam então colocadas questões sobre 1) quais as qualidades demonstradas por Eanes durante o seu mandato e 2) quais as qualidades que deveria possuir um presidente. Por razões técnicas, a primeira questão e as duas últimas não deverão nunca ser misturadas.

¹³ N.B.: e as questões devem ser apresentadas exactamente por esta ordem.

¹⁴ Obviamente, no caso de M. Amaral ser candidato. De outro modo, seria necessário recorrer a uma adaptação do procedimento.



Uma sondagem deste tipo permitiria uma comparação entre os dados de que dispomos e os dados recolhidos, em relação às projecções das flutuações prováveis, e também, a descrição das razões psico-sociais do comportamento eleitoral que autorizaria o estabelecimento de estratégias úteis.

Fundação Cuidar o Futuro

